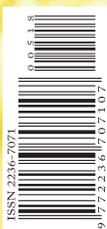


MAI-JUN DE 2015

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 12,68



**“O SENHOR
ABENÇOOU O DIA
DE SÁBADO
E O SANTIFICOU”**



William de Moraes

Sábado do meu Senhor

O sábado implica relacionamento, antes e acima de tudo, com Deus, e então, com Sua criação e Suas criaturas. Pensando nisso, não é distorção do seu significado compará-lo à experiência conjugal. Todo ser humano normal se relaciona com os semelhantes. Entre outras atitudes, afeto, confiança, lealdade, comunhão de interesses, alegria, companheirismo e respeito caracterizam esses relacionamentos. Porém, há um momento na vida em que toda pessoa encontra alguém especial, com quem passa a compartilhar a vida, com exclusividade, numa experiência máxima de prazer e intimidade.

Na moldura semanal, o que ocorre com o sábado não é diferente. Dos sete dias estabelecidos por Deus, cada um dos quais com o mesmo período de tempo (24 horas), a mesma estrutura (noite e dia), dispomos de seis para realizar nossas atividades seculares e cumprir nossa agenda pessoal. Mas, o sábado é diferente. Foi por Deus estabelecido com o propósito de vivermos uma experiência especial de relacionamento com Ele: adoração, comunhão, louvor, gratidão, celebração, serviço e prazerosa restauração. Ou seja, no casamento desfrutamos o máximo de prazer e intimidade com uma criatura especial, escolhida entre tantas outras. No sábado, desfrutamos o máximo de prazer e comunhão com o Criador, sem interferências de outras atividades, em um nível de plenitude não vivenciado nos outros dias.

“Deus abençoou o sábado. Colocou nele a plenitude de vida. Por isso, o sábado é vida, é alegria e é repouso. Nele se produz a união perfeita do prazer com a liberdade e a disciplina. O sábado foi estabelecido para que o homem, liberado de todas as coisas que não concedem santidade, se relacionasse com Deus que, como o Senhor do mundo, dava, assim, sentido à toda a criação” (Mário Veloso, *O Homem Uma Pessoa Vivente*, p. 46).

O autor do livro de Gênesis liga diretamente o sétimo dia com a criação, apresentando-o como memorial desse acontecimento, que é fundamental para a natureza e

identidade humanas (Gn 2:1-3). Dessa forma, o sábado é revestido de significado cósmico, transcendente a limitações temporais, locais ou litúrgicas. Sua instituição é anterior à promulgação de todas as leis, tanto as cerimoniais mosaicas como o próprio Decálogo.

Os israelitas foram ensinados que o sábado também seria um memorial de sua libertação do cativeiro egípcio: “Porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido; pelo que o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado” (Dt 5:15). O Deus que trouxe o Universo à existência é o mesmo que nos libertou do cativeiro do pecado. Essa libertação foi consumada na cruz, numa sexta-feira, o que torna significativo o fato de que, no dia seguinte, Jesus Cristo tenha descansado na sepultura e daí tenha saído no primeiro dia da semana. Aquele que criou o Universo cria em nós um novo espírito e uma nova vida. Aquele que criou o tempo dedica tempo para nossa restauração final. Aquele que descansou de Sua obra redentora num sábado não mede esforços para que nEle descansemos hoje.

Sendo memorial do poder criador e da graça redentora de Deus, o sábado será no futuro o ponto que levará o ser humano a decidir entre submeter-se à soberania divina ou à intolerância do homem: “O sábado será a pedra de toque da lealdade; pois é o ponto da verdade especialmente controvertido. Quando sobrevier aos homens a prova final, será traçada a linha divisória entre os que servem a Deus e os que não O servem” (Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 605).

À luz do seu grande significado, é necessário que renovemos a excelência do sábado entre nossos irmãos, orientando-os quanto à fiel observância das horas sagradas desse dia. Como pastores, precisamos reavaliar nossas atividades ministeriais, atentando para aquelas que subtraem o verdadeiro espírito de adoração e comunhão com o Senhor do sábado. **M**



Aquele que criou o tempo dedica tempo para nossa restauração final. Aquele que descansou de Sua obra redentora num sábado não mede esforços para que nEle descansemos hoje”

8 Dia de repouso e alegria

Sandra Doran

Educadora destaca a abrangência das bênçãos do sábado.

12 Festas, lua nova e sábados

Ron Du Preez

Colossenses 2:16 estudado a partir de sua estrutura, semântica e sintaxe.

16 Um santuário no tempo

Elijah Mvundura

O papel do sábado na experiência da adoração a Deus.

18 Celebração do trabalho divino

Elizabeth Ostring

Por que a observância do sábado está na contramão do ócio.

22 O testemunho da gramática

Kim Papaioannou

O que os outros dias da semana dizem sobre a importância do sábado.

26 Restauração completa

Joe A. Webb

Na observância do sábado, uma plenitude de bênçãos para os filhos de Deus.

28 Um pastor entre rabinos

Erick C. Carter

Teólogo analisa as práticas sabáticas dos judeus e suas implicações para a vida cristã.

2 Editorial

4 Entrelinhas

5 Entrevista

32 AFAM

33 Mural

34 Recursos

35 Ponto final

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 87 - Número 518 - Mai/Jun 2015
Periódico Bimestral - ISSN 2236-7071

Editor

Zinaldo A. Santos

Editor Associado

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria

Lenice F. Santos

Projeto Gráfico

Levi Gruber

Capa

© AlexMaster / Fotolia

Colaboradores Especiais

Carlos Hein; Herbert Boger; Jerry Page; Derek Morris

Colaboradores

Antônio Moreira; Cícero Gama; Cláudio Leal; Edilson Valiante; Edinson Vasquez; Eliezer Júnior; Enzo Chaves; Eufrazio Quispe; Fabian Marcos; Geovane Souza; Horácio Cayrus; Jair Garcia Góis; Mitchel Urbano; Nelson Filho; Pablo C. Garcia; Waldony Fiúza

Ministério na Internet

www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio
Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista Ministério deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 - 70279-970 - Brasília, DF



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34
18270-970 - Tatuí, SP

Diretor-Geral

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe

Marcos De Benedicto

Redator-Chefe Associado

Vanderlei Dorneles

Chefe de Arte

Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 61,60
Exemplar Avulso: R\$ 12,68



Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total

ou parcial, por qualquer meio,

sem prévia autorização escrita

do autor e da Editora.

Tiragem: 6.500

5935 / 32379



Gentileza DSA

Igreja vitoriosa

A igreja de Cristo está destinada a vencer. Não somos triunfalistas, mas vencedores em Cristo!

Nesta oportunidade quero chamar sua atenção, caro leitor, para alguns números que são reveladores.

Em 8 de abril de 1901, durante a 34ª Assembleia da Associação Geral, realizada em Battle Creek, Estados Unidos, o pastor W. H. Thurston apresentou o seguinte relatório sobre o crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil: “O ano passado [1900] foi o de maior êxito e desenvolvimento, desde que foi iniciado o trabalho no Brasil. Foram acrescentadas ao pequeno rebanho 232 pessoas. Agora temos 15 igrejas e dez grupos com 700 membros, dos quais cem falam português e 600 falam alemão. Temos quatro pastores (um licenciado), seis colportores e seis professores.”

No *Statistical Report* de 31/12/1900, aparece a seguinte informação sobre igrejas e membros:

Países	Argentina	Chile	Brasil	Total
Igrejas	11	3	15	29
Membros	367	100	629	996

Oficialmente, a Divisão Sul-Americana teve início em 1916. Naquele ano, havia em toda a América do Sul 103 igrejas e 5.331 membros, distribuídos conforme segue:

União	Austral (Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai)	Brasileira	Incaica (Bolívia, Equador e Peru)	Total
Igrejas	49	43	11	103
Membros	2.256	2.410	665	5.331

Em 31 de março de 1918, durante a 39ª Assembleia da Associação Geral, foi votada a aceitação da Divisão Sul-Americana na “irmandade das Divisões”. A moção

foi proposta por O. Montgomery (*General Conference Bulletin*, 39ª Assembleia, Mountain View, Califórnia).

Desde aquele histórico e humilde começo, a Divisão Sul-Americana alcançou, em 30 de junho de 2000, o total de 1.761.523 membros, 6.186 igrejas e 8.107 congregações organizadas. Em 1º de janeiro deste ano, chegamos a 2.329.245 membros, 12.339 igrejas e 13.603 congregações organizadas, totalizando 25.942 lugares de culto, além dos mais de 60 mil pequenos grupos. Atualmente, a Divisão Sul-Americana tem 3.111 distritos pastorais, dos quais 1.519 estão nas oito Uniões hispanas e 2.890 nas oito Uniões brasileiras. Assim, temos 4.409 pastores.

Durante o ano de 2014, foram necessários 9,69 adventistas para batizar uma pessoa. A média de batismos por distrito foi de 75,05, e batizamos 639,67 pessoas por dia. Porém, ressoam nos ouvidos dos pastores mais antigos, os “Mil Dias de Colheita”, quando o alvo da igreja mundial era alcançar mil batismos por dia. Hoje, somente a Divisão Sul-Americana está perto de alcançar essa meta.

No ano passado, foram batizadas 233.481 pessoas. Se nos lembrarmos da quantidade de pessoas batizadas no Brasil no ano 1900, veremos que para cada pessoa batizada naquele ano, hoje batizamos mil. Porém, nem tudo tem sido positivo. Perdemos 153.178 irmãos durante 2014, o que significa um crescimento real de 3,55%, ou seja, 80.303 membros.

Querido colega: ao vermos esses números, afloram à nossa mente pelo menos dois pensamentos: (1) Gratidão a Deus pelo crescimento da igreja; e (2) a necessidade de nos comprometermos a trabalhar para batizar ainda mais e reduzir ao máximo o índice de perda de membros. A igreja do Senhor está destinada a vencer. Não somos triunfalistas, mas vencedores em Cristo. Porém, a vitória não é medida apenas pelos números. Pela graça do Senhor, alcançaremos essa vitória quando houvermos cumprido a missão. Todo pastor sabe muito bem qual é essa missão. **IM**

“
Os números pouco revelam sobre o triunfo da igreja. Esse triunfo será plenamente conquistado somente quando tivermos cumprido a missão”

Carlos Hein

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

O elo dourado

“O tríplice ato divino de descansar no sábado, abençoar e santificar esse dia implica na instituição dele, ainda no Éden, como sinal da aliança eterna entre Deus e Suas criaturas”

por Márcio Nastrini

Nascido em São Lourenço do Sul, RS, o pastor Alberto R. Timm concluiu a Faculdade de Teologia em 1981, no Instituto Adventista de Ensino (atual Unasp), em São Paulo, onde também obteve o mestrado na mesma área de estudos, em 1988. Suas atividades ministeriais tiveram início no ano de 1982, em Ijuí, RS, como pastor distrital. De 1986 a 1989 atuou como professor de Teologia Histórica e diretor do Centro de Pesquisa Ellen G. White no Unasp, campus de Engenheiro Coelho, SP, indo em seguida para a Universidade Andrews, onde em 1995 concluiu o Ph.D. em Estudos Adventistas e Teologia Sistemática. Naquela oportunidade, defendeu a tese, posteriormente publicada em inglês, espanhol e português, *O Santuário e as Três Mensagens Angélicas, 1844-1863: Fatores Integrativos no Desenvolvimento das Doutrinas Adventistas*. Entre 2006 e 2007, foi coordenador de pós-graduação em Teologia, reitor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia e coordenador do Espírito de Profecia para a Divisão Sul-Americana. Atualmente, exerce a função de diretor associado do Patrimônio Literário Ellen G. White, sendo também membro da Comissão de Pesquisa Bíblica da Associação Geral dos Adventistas.

O Dr. Timm é casado com a professora Marly L. Timm, assistente do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação geral. O casal tem três filhos: Suellen, William e Shelley. Nesta entrevista, de seu escritório nos Estados Unidos, ele compartilhou suas reflexões sobre a importância do sábado, como dia abençoado e santificado por Deus.



William de Moraes

Em que termos o senhor descreve a amplitude do significado e da importância do descanso sabático?

Em primeiro lugar, o sábado é tema de uma das doutrinas distintivas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e que, de acordo com Ellen G. White, “será a pedra de toque da lealdade” a Deus no desfecho do grande conflito entre o bem e o mal. Em segundo lugar, eu diria que o sábado pode ser comparado a um diamante multifacetado que chega semanalmente a todos os seres humanos em todas as regiões do mundo. Da perspectiva físico-mental, o descanso no sábado contribui para refazer as energias gastas na correria desenfreada do mundo em que vivemos. Em seu famoso artigo “The secrets of long life”, publicado na revista *National Geographic* de novembro de 2005, Dan Buettner afirmou que os adventistas “observam o sábado no sétimo dia, socializando com outros membros da igreja e desfrutando um santuário no tempo que ajuda a aliviar o estresse”. Da perspectiva espiritual, o sábado é muito mais que um mero feriado semanal. De fato, ele é um santuário no tempo, disponível a todos os seres humanos indistintamente para um encontro especial

com Deus. De acordo com Ellen G. White, “o sábado é um elo de ouro que nos une a Deus”. É também um dia de socialização espiritual dedicado à família e às pessoas necessitadas.

Qual é o impacto causado à doutrina do sábado pelos diferentes métodos de interpretação da Bíblia existentes hoje?

Gerhard Ebeling sugere que “a história do cristianismo é a história da exposição das Escrituras”. Em outras palavras, por trás de todas as controvérsias cristãs sempre existiram tensões hermenêuticas entre diferentes princípios de interpretação, bem como sobre a própria aplicação prática desses princípios. Inclusive, Bernard Ramm argumenta que são poucas as regras estabelecidas por Agostinho que ele mesmo não transgredisse frequentemente. Sem dúvida, a controvérsia entre o sábado e o domingo ilustra muito bem essa disputa hermenêutica. No meu livro *O Sábado na Bíblia*, publicado pela Casa Publicadora Brasileira em 2010, procurei usar consistentemente os princípios hermenêuticos protestantes da *sola Scriptura* (exclusividade das Escrituras) e da *tota Scriptura* (totalidade das Escrituras), sem impor artificialmente ao texto bíblico desenvolvimentos históricos posteriores, como os defensores do domingo costumam fazer. A familiaridade com os diferentes métodos de interpretação bíblica é fundamental na compreensão das doutrinas bíblicas, incluindo o próprio sábado. Eles podem sustentar as doutrinas bíblicas, incluindo o sábado, ou mesmo distorcê-las. Por exemplo, o método alegórico acaba destituindo o sábado de seu verdadeiro significado bíblico. Com o surgimento desse método, no período pós-apostólico, os textos bíblicos que confirmam a observância do sábado passaram a ser revidos alegoricamente, de modo a dar espaço à emergente observância do domingo.

O método crítico-histórico considera o sábado uma antiga instituição babilônica ou canaanita, incorporada posteriormente pelos hebreus, e não mais pertinente para os cristãos modernos. O método dispensacionista restringe o sábado à assim chamada “dispensação da lei” (para o antigo Israel), considerando a observância desse dia como antiquada para a atual “dispensação da igreja” (para a igreja cristã). Já o método pós-moderno, que transfere a autoridade do texto bíblico para seu leitor, deixou a aceitação do sábado como uma questão de mera escolha individual. Por contraste, um estudo adequado a respeito do sábado bíblico, que reconhece a Bíblia como sua própria intérprete, deve ser informado

“A despeito das mudanças e dos ajustes nos diferentes calendários, uma coisa é certa: observamos hoje o mesmo sábado que Jesus observou durante Seu ministério terrestre e que entendemos ser o mesmo instituído na semana da criação”

e controlado pelos seguintes princípios: (1) exclusividade das Escrituras; (2) totalidade das Escrituras; (3) desenvolvimento natural dos temas bíblicos; (4) interpretação literal do texto bíblico, exceto onde for evidente o simbolismo; (5) rejeição de falsas analogias; (6) reconhecimento do caráter normativo e universal dos ensinamentos bíblicos e da conformidade pessoal com eles.

No campo do debate teológico, eruditos argumentam que não foram literais os dias da criação relatada em Gênesis. Nesse caso, como ficaria o sábado?

Alguns tentam acomodar longas eras geológicas evolucionistas ao relato da criação no livro do Gênesis. Outros procuram interpretar cada dia da criação como sendo de mil anos, buscando apoio em 2 Pedro 3:8. Seja como for, nenhuma dessas alternativas reflete o significado original do texto bíblico. O relato bíblico descreve os seis primeiros dias da criação como formados por “tarde e manhã” (Gn 1:5, 8, 13, 19, 23, 31), o que entendemos ser extensivo também ao sétimo dia (Gn 2:2, 3). Além disso, o próprio descanso divino no “sétimo dia” só serve de exemplo para o descanso humano se os dias da criação foram literais, como os conhecemos hoje. Se Deus houvesse apenas descansado no “sétimo dia” da criação, poderia haver dúvidas quanto à instituição edênica do sábado. Mas o tríptico ato divino de *descansar* no sábado, *abençoar* e *santificar* esse dia implica na instituição dele, ainda no Éden, como sinal da aliança eterna entre Deus e Suas criaturas (ver Êx 20:8-11; 31:13-17; Hb 4:4-11). O livro de Isaías destaca a universalidade do sábado (Is 56:1-7), sua abrangência (58:12-14) e perpetuidade (66:22, 23). Portanto, também é um equívoco restringir o sábado apenas aos judeus.

Quais fatores contribuíram para a aceitação do domingo como dia santificado em lugar do sábado?

Samuele Bacchiocchi afirma corretamente em sua tese doutoral, defendida em 1974 na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, que a adoção do domingo em lugar do sábado não ocorreu na primitiva igreja de Jerusalém por virtude de autoridade apostólica, mas aproximadamente um século mais tarde na igreja de Roma. Um conjunto de fatores judaicos, pagãos e cristãos contribuiu para o abandono do sábado e a aceitação da observância do domingo em seu lugar. Entre esses fatores podemos destacar os seguintes: (1) o espírito antijudaico dos cristãos no fim do

primeiro século, que não queriam ser confundidos com os judeus que se opunham ao domínio romano; (2) a forte influência paganizadora do Império Romano, no qual o culto ao *Sol Invictus* havia se tornado sua primeira religião universal; (3) o método alegórico de interpretação bíblica, que permitia equacionar o culto ao *Sol Invictus* pagão com Cristo, “o Sol da justiça” de Malaquias 4:2; e (4) as leis dominicais do imperador Constantino e da própria Igreja Romana, tornando obrigatória a observância do domingo.

A História registra a ocorrência de mudanças de calendários. Tendo isso como base, alguns argumentam que o sábado ou “sétimo dia da semana” se perdeu em meio a elas.

É curioso observar que alguns críticos veem tais mudanças como problemáticas apenas para os observadores do sábado, e não do domingo. Sem dúvida, a própria observância do sábado ao longo dos séculos, tanto no período do Antigo Testamento quanto no do Novo Testamento, evitou que o ciclo semanal fosse alterado. Se esse ciclo houvesse sido modificado nos primórdios da história humana, Cristo poderia tê-lo corrigido durante Seu ministério terrestre, o que Ele nunca fez. Durante a era cristã, o mesmo ciclo semanal foi mantido pelos judeus e pelos cristãos espalhados ao redor do mundo. Quando o Papa Gregório XIII, aconselhado por astrônomos, decretou em 1582 que a quinta-feira, 4 de outubro, fosse seguida pela sexta-feira, 15 de outubro, nenhuma alteração ocorreu no ciclo semanal. A despeito das mudanças e dos ajustes nos diferentes calendários, uma coisa é certa: observamos hoje o mesmo sábado que Jesus observou durante Seu ministério terrestre, e que entendemos ser o mesmo instituído originalmente na semana da criação.

A interpretação adventista do Apocalipse prevê a aceitação do sábado

como sendo decisiva na identificação do povo de Deus no fim da história terrestre. De que maneira o cenário atual do mundo favorece esse conceito?

O livro do Apocalipse fala de uma globalização de um falso sistema religioso (Ap 13) e de uma pregação do evangelho eterno “a toda nação, e tribo, e língua, e povo” (Ap 14:6, 7), culminando na polarização final da humanidade entre os que guardam os mandamentos de Deus (Ap 14:12) e os que adoram a besta e a sua imagem (Ap 14:9-11). Sem dúvida, a Igreja Apostólica Romana tem demonstrado ao

“O livro de Isaías destaca a universalidade do sábado, sua abrangência e sua perpetuidade. Portanto, também é um equívoco restringir o sábado apenas aos judeus”

longo dos séculos seu interesse em conquistar a hegemonia religiosa mundial. Os próprios diálogos ecumênicos das últimas décadas comprovam que o objetivo da Igreja Católica é que todos os demais cristãos retornem à “única igreja de Cristo, que subsiste na Igreja Católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele”, conforme a Declaração *Dominus Iesus*, do ano 2000. Malachi Martin, em seu famoso livro publicado originalmente sob o título *The Keys of This Blood: The Struggle for World Dominion between Pope John Paulo II, Mikhail Gorbachev, and Capitalist West*, em 1990, demonstrou que o Vaticano está estrategicamente posicionado para liderar essa hegemonia cristã global. Sem dúvida, o retorno à Igreja Católica, envolve também uma restauração da observância do domingo, como está claro na Carta Apostólica *Dies Domini*, de 1998.

Renomados historiadores reconhecem o domingo como símbolo da religião americana e um componente importante da assim chamada “alma americana”. Leis dominicais começaram a aflorar nos Estados Unidos, quando os fluxos migratórios vindos do continente europeu acabaram trazendo uma observância do domingo bem mais desleixada do que a mantida pelos puritanos. Ellen G. White afirma que a religião (incluindo a observância do domingo) voltará a ser imposta quando os Estados Unidos enfrentarem as seguintes situações: (1) grandes calamidades naturais, (2) um grande declínio moral e (3) uma acentuada crise financeira. Essa medida de imposição naquele país será seguida pelo restante do mundo, deflagrando acirrada intolerância em relação aos observadores do sábado. Creio que não estamos muito distantes desse tempo.

Em relação a isso, alguns estudiosos desse tema ficam eufóricos a cada novo acontecimento no mundo, especialmente no aspecto religioso. Qual é seu conselho nesse sentido?

A ênfase deve estar mais na preparação do que na preocupação, pois o futuro pertence a Deus. Em 1887, Ellen G. White escreveu: “Viva a vida de fé dia a dia. Não fique ansioso nem preocupado acerca do tempo de angústia, tendo assim um tempo de angústia antecipado. Não fique pensando: ‘Temo não suportar o grande dia de prova! Você deve viver o presente, apenas para este dia. O amanhã não lhe pertence. Hoje você deve manter a vitória sobre o eu. Hoje você deve viver uma vida de oração. Hoje você deve lutar a boa batalha da fé. Hoje você deve crer que Deus o abençoa. E enquanto você obtém a vitória sobre as trevas e a incredulidade, você cumprirá as exigências do Mestre e se tornará uma bênção aos que estão ao seu redor.’” Sem dúvida, esse é um excelente conselho para enfrentarmos com segurança os eventos finais. 



Gratidão do autor

Dia de **repouso** e **alegria**

“Sábado! Período de 24 horas que me protege, enche-me de graça, imprime ideias claras e coragem, colore de riquezas minha vida”

Quando eu tinha apenas quatro anos, meu pai trabalhava no turno da noite em uma empresa. Cada manhã, ao terminar o período, ele transferia as tarefas para o colega do turno diário, e explicava o que fazer para garantir a continuidade dos projetos. Como se fosse providencial, aquele colega percebeu que aquele homem que cada manhã lhe transferia o trabalho tinha um coração honesto. Não demorou muito, o colega Al Lein perguntou ao meu pai: “Você estaria interessado em estudar a Bíblia?” Meu pai não hesitou. Ele tinha um profundo desejo de conhecer mais a respeito das Escrituras.

Pouco mais de 50 anos depois, ainda me lembro de meu pai correndo à caixa de correio, pegar e abrir um envelope branco a cada semana, sentar-se na varanda de nossa modesta casa de madeira em Norwich, Connecticut, e abrir a Bíblia. Tendo sido criado sob circunstâncias difíceis em Harlem, ele tinha pouca base para entender questões religiosas. Mas, seu intelecto perspicaz, suas penetrantes indagações e determinação obstinada o mantiveram estudando por dois anos. Linha por linha, preceito sobre preceito, ele comparava capítulos e versos, enquanto eu brincava com minhas bonecas junto à minha irmã Dale.

Então certo dia, ele encontrou isto:

“Lembra-te do dia de sábado, para



santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades. Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou” (Êx 20:8-11).

Quanto mais papai estudava esses versos, mais ele compreendia que eles o convidavam à ação. No fim da tarde de uma

sexta-feira, enquanto o Sol começava declinar e ele se dirigia para a empresa, meu pai estacionou no acostamento da estrada, baixou a cabeça e orou, decidindo que aquele seria o último sábado no qual ele trabalharia.

Jamais ele retrocedeu daquela decisão.

O sábado e papai

A decisão de meu pai não foi fácil. Com três filhos e um a caminho, ele estava profundamente cômico da necessidade que tinha de sustentar a família. Como católica devota, minha mãe não entendeu plenamente o novo compromisso dele, mas

era dedicada ao bem-estar do relacionamento e respeitou o direito que ele tinha de fazer sua escolha.

Inicialmente, papai encontrou um trabalho como operador de máquinas em uma empresa pertencente a dois homens judeus, sabendo que isso manteria protegida sua observância do sábado. Quando o trabalho ficou escasso, eles lhe ofereceram a oportunidade para começar seu próprio negócio em um porão. Nunca me esquecerei daqueles anos de “vacas magras”, compartilhando o mesmo chapéu com minha irmã nas manhãs frias, abrindo os pacotes com nossos presentes de Natal, embrulhados em jornais, e dependendo do meu avô para nos levar à loja.

Porém, em meio a tudo isso, um profundo sentimento de alegria está associado às minhas memórias em torno do sábado, o sétimo dia. Embora minha mãe, meu irmão, minhas irmãs e eu continuássemos sendo católicos por muitos anos, eu aguardava com ansiedade o momento em que meu pai voltava da igreja cada sábado. Então, eu corria para encontrá-lo. Durante os sábados, havia as visitas ao zoológico, passeios no parque, saladas de frutas e o senso de calma e paz. Nas noites de sexta-feira, enquanto assistíamos à televisão, meu pai passava em silêncio pela sala, sorria para nós, entrava em seu quarto, fechava a porta e abria sua Bíblia. O suave brilho da luz daquele quarto dizia-me que tudo estava muito bem.

Papai guardava seus sábados com inflexível integridade. Qualquer que fosse a circunstância, estou segura de que ele não teria alterado seu costume. E Deus recompensou sua fé. Dentro de cinco anos, a pequena empresa cresceu e passou a ter uma dúzia de trabalhadores e nossa família se mudou para uma casa maior no campo. Durante minha adolescência, 30 empregados batiam ponto na empresa do papai, cada dia, e as finanças ficaram suficientemente estáveis para pagar as sempre crescentes despesas do colégio.

Hoje, o sábado está no centro da minha fé. Embora meu pai continuasse a me

levar com minhas irmãs para as aulas de catecismo, depois de sua nova descoberta, chegou o dia em que nós também começamos a fazer perguntas. Dez anos depois da decisão que ele tomou de guardar o sábado, finalmente, ele pôde ter a família unida em sua dedicação e crença de que o quarto mandamento ainda está vigente.

O poder de uma ideia

Que coisa existe no sábado do sétimo dia que é tão impressionante, tão atraente, que atinge nosso coração com poder e convicção inabaláveis? Durante os anos da adolescência, houve um período em que eu voltei as costas para algumas crenças que havia abraçado, mas nunca houve nenhum questionamento quanto ao sábado. Lembro-me de ter sido convidada para festas e de ter respondido aos meus amigos: “Quando a grande bola vermelha de fogo desaparecer no céu, não poderei ficar aqui.” Então, apressando-me para casa, eu era recebida pela lenha queimando na lareira, minha mãe tocando piano, meu pai estudando a Lição da Escola Sabatina e minhas irmãs com o cabelo arrumado. A paz estava no ar.

Sábado! Período de 24 horas que me protege, enche-me de graça, lembra-me da minha herança, imprime ideias claras e coragem, colore de riquezas minha vida!

Alguns anos atrás, tive a felicidade de conhecer um dos mais belos livros que já li – *Sabbath* – escrito por Dan Allender. Normalmente, ninguém lê um livro mais de uma vez; porém, já saboreei esse livro por três vezes, calmamente, digerindo suas frases como uma fina refeição, parando de vez em quando, para deixar o sabor fluir levemente.

Dia prazeroso

Allender afirma que o sábado não é tanto uma pausa na vida diária, mas uma entrada feliz na verdadeira vida.

“Deus não repousou no sentido de tirar um cochilo ou Se restaurar. Em vez disso, Ele celebrou e Se alegrou em Sua criação. Deus introduziu a alegria em Sua criação e

a deixou livre para estar ligada ao artista, não separada dEle.

“De certo modo, o repouso de Deus no sétimo dia da criação é comparado ao processo do nascimento e ao período que se segue a ele, quando termina o trabalho de parto e começa o fortalecimento do vínculo. A mãe e o pai olham demoradamente a criança que já está separada deles, porque já não se encontra apenas na mente e no ventre da mãe, mas externamente separada. Ela já não está sozinha na imaginação ou na profundidade do ventre. Finalmente, é libertada para ser conduzida nos braços dos pais. Essa ligação leva a mãe e a criança a um vínculo que, caso seja seguro, perdurará sempre, na angústia e na perda, provendo à criança a certeza de que tudo estará bem.

“Semelhantemente, Deus olhou embevecido para Sua criação e disse: ‘Tudo é muito bom.’ Não sabemos o que Deus fez ou não fez no sétimo dia, mas podemos assegurar que Seu prazer não variou nem diminuiu com o passar dos dias. Em vez disso, Sua alegria infinita cresceu em admiração e felicidade, enquanto supervisionava tudo o que havia criado e declarou ‘tudo muito bom.’”¹

De acordo com Allender, o que nos impede de imergir plenamente em tudo o que o sábado tem a oferecer não é apenas nosso estilo de vida agitado, mas, em nível mais profundo, nosso temor de verdadeiramente aceitar a alegria. Ao avaliar seus alunos, Allender descobriu que eles ficavam muito mais à vontade com o trabalho. “Eu não sei o que fazer com um dia que é destinado a ser cheio de alegria”, disse um dos estudantes.²

O livro de Allender apresenta os muitos níveis de alegria sabática que espera aqueles que são suficientemente corajosos para aceitá-la. Ao ler suas palavras, lembro novamente as profundas bênçãos que esse dia generosamente oferece. A escolha é minha. Acaso estaria eu trivializando o dom do sábado, relaxando no sofá, enquanto navego pelo facebook, verificando

e-mails, e fazendo joguinhos banais? Ou estou verdadeiramente ansiosa para receber de braços abertos o sétimo dia, desejava de mergulhar de cabeça em toda a sua beleza?

O elementar

Em seu livro, Allender apresenta quatro elementos do sábado que, segundo ele, são o coração das bênçãos do sétimo dia. Aqui estão eles, com meus comentários:

Glória e beleza. “Devemos aproveitar a beleza para envolver nossos sentidos em cor, textura, sabor, fragrância, brilho, som, doçura e prazer. Se devemos fazer isso em todos os dias, muito mais devemos fazê-lo no sábado, dia em que Deus parou e Se maravilhou diante de Sua criação.”¹³

Teria sido mais fácil permanecer em casa na tarde daquele sábado no nordeste de Massachusets. A temperatura estava em torno de zero grau e uma camada grossa de gelo cobria a janela. Mas minha tia havia me presenteado com um chapéu para o Natal, e um amigo me convidou para uma caminhada. Com ansiedade infantil, agasalhei-me, coloquei um cachecol de lã sobre a boca e abri a porta a toda esplêndida glória do sábado. Caminhamos por aproximadamente uma hora, enchendo os pulmões com ar frio, sentindo a reverência silenciosa da floresta agraciada com neve. Décadas depois, a lembrança daquele sábado ainda me traz alegria.

Ritual. “Os rituais e símbolos sabáticos são a maneira pela qual exteriorizamos o espetáculo de um dia santo.”¹⁴

Lendo os comentários de Allender sobre rituais, não posso deixar de recordar um dos capítulos de outro livro favorito, intitulado *The Man Who Mistook His Wife for a Hat* [O homem que confundiu sua esposa com um chapéu]. Nele, Oliver Sacks incluiu um atraente ensaio sobre Jimmie, um homem acometido por extrema perda de memória, ou síndrome de Korsakov. Embora Jimmie tenha sido como que “empacotado” por 30 anos e não possa se lembrar de qualquer coisa que tenha acontecido cinco minutos atrás, ele demonstra estar surpreendentemente vivo

no contexto do ritual. “Completamente, intensamente, quietamente, em absoluta concentração e atenção, ele entrou e no templo participou da Santa Ceia. Ele foi completamente absorvido por um sentimento. Não havia esquecimento nem Korsakov, nem parecia possível imaginar que isso existisse ali; pois ele já não estava à mercê de um mecanismo falho – de traços e sequências de memória sem sentido – mas estava absorvido em um ato de todo o seu ser, que carregava sentimento e significado em unidade e continuidade orgânica, unidade e continuidade tão ligadas, que não permitiam nenhuma interrupção.”¹⁵

Toda vez que leio esse trecho, sinto-me intensamente maravilhada. O ritual é importante. O sábado é importante. Há uma parte de nós que se torna ancorada, enraizada e completa no contexto dos símbolos, e de atos que executamos cada semana.

Confraternização. “A alegria do sábado não está simplesmente em uma reunião com boa comida e amigos – há muitas outras oportunidades para esse tipo de encontro. Mas, não há outra oportunidade que seja tão gloriosamente reservada para desfrutarmos o prazer da maravilha de entrar na eterna festa de Deus.”¹⁶ Como esposa de pastor, tenho participado de muitas refeições aos sábados, com antigos e novos amigos.

Andriy apareceu de bicicleta, certo sábado, em nossa igreja em Orlando. “Esta é a igreja Kress Memorial?”, ele perguntou com um profundo e bonito realce. Ao receber a confirmação de que estava no lugar certo, ele gritou: “Que maravilha! Na Ucrânia, achei esta igreja pela internet. Cheguei ontem, de avião, aluguei esta bicicleta, e estou há quase duas horas procurando por ela!” Então, juntos festejamos aquele sábado, com muita alegria e a certeza de que adoramos o mesmo Deus.

Alegria restauradora. “O sábado é nosso dia recreativo, não como um feriado qualquer, mas no sentido de ser uma festa que celebra a grande generosidade do criativo amor de Deus.”¹⁷

Uma das minhas mais gratas lembranças do sábado como dia restaurador me leva a um glorioso dia ensolarado na Nova Inglaterra. Meu esposo encontrou Maggie na ala psiquiátrica de um hospital. Oprimida por uma depressão crônica, ela havia solicitado a visita de um pastor. Sua face carregava as feridas dos anos de sofrimento. Com o passar dos meses, à medida que aumentava sua confiança em nós, sua história veio à tona. Ela era divorciada de um marido abusivo que tinha um temperamento violento. Mas isso não era a pior parte na história de Maggie.

Criada por um rígido clérigo, Maggie tinha aprendido a associar religião com hipocrisia, abuso e crueldade. O fato de que ela houvesse respondido à nossa oferta de amizade foi nada menos que um milagre. Ainda mais surpreendente foi o desejo que ela manifestou de frequentar a igreja.

Em um sábado ensolarado de junho, depois do culto, resolvemos passear pela costa do Maine. Encontramos Maggie à entrada do templo e a convidamos para ir conosco. Com alegria, ela aceitou o convite. Depois de algum tempo, contemplando a beleza do mar, ela disse: “Nunca imaginei que pudesse desfrutar um sábado na companhia da esposa de um pastor!” Era claramente perceptível o sentimento de paz que ela irradiava, enquanto dizia essas palavras.

Sábado! Dia de repouso e alegria! Sim, alegria. Não nos esqueçamos da alegria. Alegria, prazer e fartura esperando todos aqueles que estejam ansiosos para receber alegria, prazer e fartura! 

Referências:

¹ Dan Allender, *Sabbath* (Nashville, TN: Thomas Nelson Pub., 2009), p. 28.

² *Ibid.*, p. 24, 25.

³ *Ibid.*, p. 44.

⁴ *Ibid.*, p. 156.

⁵ Oliver Sacks, *The Man Who Mistook His Wife for a Hat* (Nova York: Simon and Schuster, 1985), p. 36.

⁶ Dan Allender, *Op. Cit.*, p. 78.

⁷ *Ibid.*, p. 82.

Exótico & saudável



Não é concentrado
é integral

0% de corantes
e conservantes

Rico em
Licopeno

Aprovado pela
Sociedade
Vegetariana
Brasileira

O suco de tomate **Superbom** é fabricado com tomates selecionados, para que chegue à sua mesa um produto de altíssima qualidade. Por ser um suco **100% Natural**, ele é riquíssimo em Licopeno (*antioxidante*), conforme estudo científico em www.superbom.com.br/licopeno. Nesta nova versão **reduzimos em 25%** o sódio, para preservar ainda mais a sua saúde.



8 contém
tomates
por garrafa

Nova rótulo



Cortesia do autor

Festas, lua nova e **sábados**

Análise estrutural, sintática e semântica de Colossenses 2:16

Escrevendo aos cristãos de Colossos, Paulo advertiu: “Portanto, não permitam que ninguém os julgue pelo que vocês comem ou bebem, ou com relação a alguma festividade religiosa ou à celebração das luas novas ou dos dias de sábado. Estas coisas são sombras do que haveria de vir; a realidade, porém, encontra-se em Cristo” (Cl 2:16, 17).

Muitas pessoas têm concluído que o “sábado” dessa passagem se refere ao sétimo dia e que esse dia não mais está ligado aos cristãos. Mais recentemente, aqueles que promovem os festivais levíticos têm semelhantemente proclamado que Colossenses 2:16 trata do sábado semanal, mas que ele *devia* ser observado com as festas e a lua nova. Entretanto, para os adventistas do sétimo dia, o contexto da passagem mostra que ela se refere aos sábados cerimoniais. No *Handbook of Seventh-day Adventist Theology* [Manual de Teologia Adventista do Sétimo Dia], o teólogo Kenneth Strand sugere uma abordagem estrutural da trilogia “festas, lua nova e sábado”: “É possível que Paulo estivesse usando o dispositivo literário comum de paralelismo invertido [um quiasma],

movendo-se assim dos festivais anuais para os mensais e voltando aos anuais.”¹ Desse modo, ele confirma a visão adventista sobre sábado cerimonial. Onde está o peso da evidência bíblica?

Aparentemente, enquanto Paulo estava na prisão em Roma,² Epafroditos o visitou (Fm 23), informando-o sobre o crescimento espiritual da igreja de Colossos (Cl 1:3-8; 2:5), bem como dos ensinamentos heréticos que invadiam a comunidade (Cl 2:1-23).

Em nenhum lugar essa heresia é identificada. Assim, dezenas de teorias têm sido propostas a respeito dela.³ Entretanto, desde aproximadamente 1966, eruditos têm concluído que “já não é apropriado discutir uma possível influência do gnosticismo sobre a religião dos colossenses ou sua refutação”.⁴ Nas últimas décadas, respeitáveis estudiosos da Bíblia, focalizando o texto escriturístico, têm concluído que o desafio nessa epístola tem que ver com “padrões de pensamentos com os quais Paulo estava muito familiarizado, isto é, alguma forma de espiritualidade judaica em vez de especulação gnóstica ou iniciação de seitas de mistérios”.⁵

A principal ênfase teológica dessa carta

é uma correta visão de Cristo – “a imagem do Deus invisível”⁶ (Cl 1:15) – uma cristologia irrefutável relacionada à salvação (Cl 1:13, 14; cf. 2:11-15), com profundas implicações para o viver ético (Cl 3:4-4:6). A única grande mensagem da carta aos colossenses pode assim ser resumida na declaração: “Cristo é tudo e está em todos”⁷ (Cl 3:11). Perspicazmente, Charles Talbert notou que “é contra o antecedente dessa narrativa salvífica que os argumentos da carta aos colossenses são desdobrados”.⁸

Análise estrutural

Colossenses 2:16 começa com a palavra “portanto”, indicando que a advertência a ser feita resulta do que anteriormente foi mencionado;⁹ e que, como reconhecem os comentaristas, “os versos 12 e 13 são fundamentais ao apelo da carta”.¹⁰

Ao reconhecer “que o quiasma permeia colossenses”¹¹ e “ao apreciar as divisões e o desenvolvimento desses pensamentos dentro dessa significativa epístola, a pessoa pode seguir o pensamento de Paulo com clareza”.¹²

Observe a estrutura quiástica de Colossenses 2:

Introdução – 2:6: “Assim como vocês receberam Cristo Jesus, o Senhor, continuem a viver nEle”;

A. 2:7: “*enraizados e edificados* nEle, firmados na fé”;

B. 2:8: “*tenham cuidado para que ninguém os escravize* [...] e não em Cristo”;

C. 2:9: “pois em Cristo habita [...] a plenitude da divindade”; 10a: “por estarem nEle”;

D. 2:10b: “que é o Cabeça de todo *poder e autoridade*”;

E. 2:11: “circuncidados, não com uma circuncisão feita por *mãos* humanas”;

F. 2:12: “*sepultados* com Ele no batismo, e com Ele foram *ressuscitados*”;

F1. 2:13: “*mortos* em pecados [...] Deus os *vivificou* com Cristo”;

E1. 2:14: “cancelou a *escrita de dívida*, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária”;

D1. 2:15: “tendo despojado os *poderes* e as *autoridades*”;

C1. 2:16: “não permitam que ninguém os julgue”; 17: “a realidade, porém, encontra-se em Cristo”;

B1. 2:18: “Não deixem que ninguém os condene”; 19a: “não retendo a cabeça”;

A1. 2:19b: “*sustentado e unido* por seus ligamentos e juntas”.

Cheirographon tois dogmasin

A estrutura acima revela que a frase “escrita de dívida” (Cl 2:14) corresponde linguisticamente à “circuncisão feita [não] por mãos” (v. 11).¹³ Assim, é preferível traduzir formalmente o termo grego *cheirographon* como “caligrafia” ou seus equivalentes;¹⁴ e que tanto estruturalmente como contextualmente, esse código escrito, com seus regulamentos, ecoa a ordenança cerimonial da circuncisão.

A palavra *cheirographon* é imediatamente qualificada por *tois dogmasin*. Considerando ser uma carta escrita pelo mesmo autor e enviada a destinatários de uma mesma região, alguns têm concluído que *dogmasin* em Efésios 2:15 ilumina

Colossenses 2:14, referindo-se assim à lei mosaica.¹⁵ Contemporaneamente, Josefo e Filo igualmente usaram *dogma* para a lei mosaica. Muitos eruditos concordam com essa ideia, afirmando que ela é apoiada por muitos pais da igreja grega e é gramaticalmente sem problemas.

Embora frequentemente Paulo tenha usado a palavra *nomos* para lei, no Novo Testamento, ele aparentemente não a usou aqui, para evitar a impressão de que toda a lei mosaica foi abolida; e focalizar a atenção diretamente sobre a lei cerimonial,¹⁶ da qual alguns aspectos são mencionados em Colossenses 2:16. Conforme David Pao concluiu em seu comentário exegético, em 2012, “embora não possa ser feita uma estrita identificação com a Torá mosaica”, *cheirographon* “deveria ser entendido em relação à lei mosaica”.¹⁷

Recentemente, Colossenses 2:14 tem sido reconhecido como “uma das mais vívidas descrições do Novo Testamento sobre o que aconteceu quando Jesus morreu”.¹⁸ “Ele nos perdoou todas as transgressões, e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz” (Cl 2:13, 14). John Heil observou que “a metáfora é convoluta, mas presumivelmente reflete novamente a ideia da morte de Cristo como oferta pelo pecado”.¹⁹ Em síntese, ao formular essa destemida metáfora, Paulo ligou diretamente o perdão por meio de Cristo (v. 13b) à “escrita de ordenanças” (v. 14), a qual requeria sacrifícios para perdão de pecados, bem como a morte de Cristo, pela qual esses requerimentos rituais foram “cancelados” (*exaleipsas*, = “abolição da lei”²⁰).

Por sua morte, Cristo consumou o sistema cerimonial – “Ele a removeu, pregando-a na cruz” (Cl 2:14). Nas palavras de Ellen G. White, “o cerimonial era constituído de símbolos que apontavam para Cristo [...] Foi esta a lei que Cristo ‘tirou do meio de nós, cravando-a na cruz’”.²¹ Essas ordenanças que eram “contrárias a nós” aludem às leis do Antigo Testamento que

eram “como testemunha contra” nós (Dt 31:26). Conforme Dermond McDonald, o verso 15 então revela que “Cristo o crucificado é Senhor; e todos os poderes hostis do Universo se tornaram sujeitos a Ele. Na cruz de Cristo as hostes demoníacas encontraram seu Conquistador”.²² Com tal antecedente, podemos agora prosseguir com o verso 16, que começa dizendo: “Portanto, não permitam que ninguém os julgue pelo que vocês comem ou bebem.”

“Comida ou bebida”

Colossenses 1:21, 22, 27; 2:13 dá-nos a distinta impressão de que a igreja de Colossos era predominantemente gentílica, embora certamente houvesse judeus, aparentemente formando um significativo elemento judaico dentro da igreja, pois a História relata que “Colossos tinha uma população judaica significativa”.²³ Tendo como base similaridades com os gálatas,²⁴ alguns intérpretes concluem que os “heréticos” colossenses eram judeus ou judaizantes,²⁵ embora o capítulo 2:21 sugira que as restrições propostas iam muito além da lei judaica. David Garland estabeleceu: “Cristãos gentios recém-convertidos estavam sendo atormentados em sua fé por judeus contenciosos”²⁶ e “eram chamados a observar tempos e estações como sendo necessários para salvação”.²⁷

O conselho de Paulo é forte: “não permitam que ninguém os julgue.” A palavra “julgar” (*krinetó*) contextualmente significa “julgar desfavoravelmente sobre”.²⁸ De acordo com a paráfrase da *Nova Tradução Viva*, “assim, que ninguém os condene por... não celebrar certos dias santos”.

Antes de considerarmos os termos “festa”, “lua nova” e “sábado”, um comentário se faz necessário a respeito de “comida e bebida”. Embora *brosis* e *posis* possam designar “comer” e “beber”, contextualmente elas são mais bem traduzidas como “comida” e “bebida”, conforme algumas traduções.²⁹ Desde que “comida e bebida estão no contexto da circuncisão e a observância de dias especiais”,³⁰ parece que

“essas palavras indubitavelmente se referem a ofertas de comida e bebida apresentadas pelos israelitas”.³¹

Significado de *sabbata*

A *New English Bible* traduz Colossenses 2:16 desta maneira: “Não permitam que ninguém censure vocês por causa de dia de festa, lua nova, ou sábado.” A palavra “sábado” na linguagem original tem vários significados, incluindo o sábado semanal e o sábado cerimonial, os quais podem ser identificados pelas conexões linguísticas e contextuais. Considerando que alguns textos do Novo Testamento, incluindo Colossenses 2:16, “somente podem ser compreendidos por meio de uma correta compreensão de seu correlativo no Antigo Testamento”, é vital prestar atenção a isso.³²

A tríade “anual/mensal/semanal”. À primeira vista, pode parecer que a sequência “festa, lua nova, sábado” deriva de algumas passagens nas quais o termo hebraico *sabbat* (depois do artigo definido) se refere ao sábado semanal (Nm 28:2-29:39; 1Cr 23:29-31; 2Cr 2:4; 8:12, 13; 31:3; Ne 10:33; Ez 45:13-17; 46:1-15). Entretanto, a exegese indica o contrário. Por exemplo, nenhuma dessas passagens contém os três termos no singular, como ocorre em Colossenses 2:16; todas elas têm pelo menos quatro partes, não três como no texto aos colossenses; todas incluem um sacrifício *diário* também não mencionado por Paulo.³³ Apesar de uma tradição erudita, segundo a qual Colossenses 2:16 é dependente de uma presumida sequência de calendário, a evidência textual demonstra que Paulo não estava usando nenhuma das passagens mencionadas acima.

Conexão com Oseias. O texto de Oseias 2:11 pode funcionar como uma ligação intertextual: “suas festas anuais, suas luas novas, seus dias de sábado”. Note estas áreas de concordância: Colossenses 2 e Oseias 2 consistem de três partes agrupadas; têm a mesma sequência (“festa”, “lua nova” e “sábado”); têm os termos-chave

estabelecidos como coletivos/genéricos singulares; tratam sobre *dias* em si, não com quaisquer sacrifícios queimados; aos dois textos faltam laços linguísticos cruciais para identificar “sábado” com o sétimo dia; finalmente, eles têm um contexto negativo de mau uso desses tempos sagrados.³⁴

A análise linguística mostra que “festas” (*hag*) em Oseias 2:11 se refere a festivais com peregrinação – Páscoa, Pães Asmos, Pentecostes, Festa dos Tabernáculos. Em seguida, vem a lua nova, fundamental na determinação de datas para os tempos designados.³⁵ Finalmente, a frase “seus dias de sábado” (*sabbatah*) identifica esses dias como os sábados cerimoniais de Israel, em vez do sábado semanal, que nunca é mencionado como “seus sábados”. O Senhor a ele se refere como “Meus sábados”.

Igualmente, a investigação linguística de Colossenses 2:16 mostra que a palavra grega *heorté* está limitada às três festas de peregrinação. Enquanto *neomênia* indica a observância da lua nova, *sabbata* inclui os tempos de repouso sem peregrinação do Dia da Expição e, aparentemente, Festa das Trombetas. Consequentemente, Paulo não foi redundante ao listar *heorté* (festas de peregrinação) e *sabbata* (tempos de repouso). Em suma, a sequência de festas de peregrinação, lua nova e sábado cerimonial em Oseias corresponde à de Colossenses.

Estrutura quiástica de três termos. Essa frase tripartite aparece como quiasma, movendo do período anual para o mensal e, então, para o anual:

A. *Festa* = Três festas anuais de peregrinação.

B. *Lua nova* = Celebrações mensais.

C. *Sabbath* = Dois repousos anuais (e um a cada sete anos).

O centro do quiasma (“B”) ocupa um lugar preponderante. Em suma, “a lua governava as datas para outras festas religiosas”.³⁶ Essa posição central da lua nova, com base na qual outros eventos religiosos eram calculados, confirma a conclusão de

que o termo *sabbata* pode se referir unicamente aos sábados cerimoniais, considerando que o sábado semanal nunca era determinado pelo calendário lunar.

Implicações do artigo definido com sabbata. As versões bíblicas em inglês não indicam que “sábado” deriva de duas diferentes raízes gregas, como atestam estudos morfológicos. A forma léxica *sabbaton* é usada 40 vezes para o sábado semanal,³⁷ porém inclui um artigo definido para apenas metade dessas ocorrências.³⁸ No entanto, quando a forma *sabbata* é usada para “sábado” (18 vezes),³⁹ a palavra precede um artigo definido em todas as vezes, exceto quando é linguisticamente impróprio (At 17:2) ou completamente desnecessário (Mt 28:1). É significativo que a forma *sabbata* seja usada em Colossenses 2:16. Se este *sabbata* tivesse a intenção de identificar o sábado semanal, estaria acompanhado de um artigo definido, ou de alguma outra informação contextual direta, conforme é visto constantemente no Novo Testamento. Esse uso único de *sabbata* aponta mais uma vez para uma inequívoca referência aos sábados anuais.

O sábado e as “sombras”

“Não permitam que ninguém os julgue pelo[s] [...] dias de sábado. Estas coisas são sombras [*skia*] do que haveria de vir; a realidade [*sóma*], porém, encontra-se em Cristo” (Cl 2:16, 17).

O consenso geral entre os eruditos é que, nesse texto, *skia* não é uma “sombra” literal, mas um “prenúncio”,⁴⁰ desde que a palavra está diretamente ligada a *tón mellontón*, que significa “coisas que virão”. Paul Deterding indica que essa expressão “é quase um termo técnico para a era e o reino messiânicos, que viriam com Cristo em Seu primeiro advento e que serão consumados na Sua segunda vinda. Consequentemente, Jesus poderia chamar João Batista de ‘o Elias que havia de vir’ (*ho mellón erchesthai*), mesmo que João – e Jesus – já tivessem vindo (Mt 11:14)”.⁴¹

Francis Beare afirma que “coisas que virão’ significa na verdade coisas que estariam no futuro quando as observâncias foram ordenadas; não coisas que ainda estejam no futuro. As ‘coisas que virão’ já vieram com Cristo”.⁴² Ainda de acordo com Gordon Clark, “o apóstolo empregou *esti* no presente [são sombras]... porque ele se transportou imaginariamente à época passada do ritual”.⁴³ A *International Children’s Bible* traduz desta maneira o verso 17: “No passado estas coisas eram como uma sombra do que viria.” A versão inglesa de Deaf assim diz: “No passado, estas coisas eram como uma sombra que mostrava o que viria.”

Aqui, entra em cena o termo *soma*. O dicionário descreve essa palavra (que literalmente significa “corpo”) nesse contexto como “as coisas em si, a realidade”.⁴⁴ Consequentemente, a *Nova Versão Inglesa* traz o seguinte: “a realidade, porém, encontra-se em Cristo.” Habilmente, Ian Smith observa que, “desde que a realidade já apareceu, não há necessidade de se alegrar nas sombras que foram dissipadas pela realidade”.⁴⁵ De fato, elas perderam totalmente o significado.

William Hendriksen afirmou: “Embora não fosse errado para o judeu, ensinado desde a infância na lei, por um período de transição observar alguns desses rituais como hábito, nada tendo eles que ver com a salvação, era errado atribuir a eles um valor que não tinham e tentar impô-los aos gentios.”⁴⁶ Contudo, Robert Wall observa: “A participação do cristão nessas celebrações judaicas era equivalente a negar a messianidade de Jesus.”⁴⁷

Por sua vez, o livro *Nisto Cremos*, sobre as crenças da Igreja Adventista do Sétimo dia, afirma que Paulo “tornou claro que os cristãos não se achavam sob a obrigação de guardar esses primitivos dias de descanso pelo fato de haver Cristo pregado na cruz as leis cerimoniais.”⁴⁸ Curiosamente, muitos não guardadores do sábado concordam com essa compreensão de Colossenses 2:14-17.⁴⁹ A observância desses sábados cerimoniais, que eram *símbolos* apontando

para o Messias, “terminou, com Sua morte na cruz”.⁵⁰ 

Referências:

- ¹ Kenneth A. Strand, *Handbook of Seventh-day Adventist Theology* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), v. 12, p. 506.
- ² Derek Tidball, *In Christ, in Colossae: Sociological Perspectives on Colossians* (Londres: Paternoster, 2011), p. 11.
- ³ James D. G. Dunn, *Biblica* 76, nº 2 (1995), p. 153.
- ⁴ Markus Barth e Helmuth Blanke, *Colossians: A New Translation With Introduction and Commentary* (Nova York: Doubleday, 1994), p. 32.
- ⁵ Peter H. Davis, *Colossians, Philemon*, Conerstone Biblical Commentary (Carol Stream, IL: Tyndale, 2008), p. 229.
- ⁶ H. Dermot McDonald, *Commentary on Colossians & Philemon* (Waco, TX: Word, 1980), p. 14.
- ⁷ *Ibid.*, p. 15.
- ⁸ Charles H. Talbert, *Ephesians and Colossians* (Grand Rapids, MI: Baker, 2007), p. 181.
- ⁹ Curtis Vaughan, *Colossians and Philemon* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1980), p. 81.
- ¹⁰ Bonnie Thurston, *Reading Colossians, Ephesians and 2Thessalonians: A Literary and Theological Commentary* (Nova York: Crossroad, 1995), p. 44.
- ¹¹ John W. Weich, *Chiasmus in Antiquity: Structures, Analyses, Exegesis* (Hildesheim: Gerstenberg Verlag, 1981), p. 222.
- ¹² *Ibid.*, p. 225.
- ¹³ H. Dermot McDonald, *Op. Cit.*, p. 106.
- ¹⁴ James D. G. Dunn, *The Epistles to the Colossians and to Philemon* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1996), p. 164.
- ¹⁵ *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, v. 7, p. 204.
- ¹⁶ Gordon Haddon Clark, *Colossians: Another Commentary on an Inexhaustible Message* (Phillipsburgh, NJ: Presbyterian and Reformed, 1979), p. 89, 90.
- ¹⁷ David W. Pao, *Colossians & Philemon* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2012), p. 171.
- ¹⁸ John Woodhouse, *Colossians and Philemon: So Walk in Him* (Roshire, UK: Christian Focus, 2011), p. 140.
- ¹⁹ John Paul Heil, *Colossians: Encouragement to Walk in All Wisdom as Holy Ones in Christ* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2010), p. 119.
- ²⁰ Curtis Vaughn, *Op. Cit.*, p. 201.
- ²¹ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 365.
- ²² H. Dermot McDonald, *Op. Cit.*, p. 87.
- ²³ Derek Tidball, *Op. Cit.*, p. 27, 19.
- ²⁴ Michael Bird, *Colossians, Philemon: A New Covenant Commentary* (Eugene, OR: Cascade, 2009), p. 19.
- ²⁵ Petr Pokorny, *Colossians: A Commentary*

(Peabody, MA: Hendrickson, 1991), p. 113.

- ²⁶ David E. Garland, *Colossians/Philemon* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998), p. 27.
- ²⁷ H. Dermot McDonald, *Op. Cit.*, p. 88; *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, v. 7, p. 204.
- ²⁸ Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago, IL: University of Chicago Press, 1979), p. 201.
- ²⁹ *Ibid.*, p. 148, 694.
- ³⁰ Allan R. Bevere, *Journal for the Study of the New Testament* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 2003), p. 86.
- ³¹ *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, v. 7, p. 2050.
- ³² Skip MacCarty, *Perspectives on the Sabbath: Four Views* (Nashville, TN: B&H Publishing, 2011), p. 371.
- ³³ Ron du Perez, *Judging the Sabbath: Discovering What Can't Be Found in Colossians 2:16* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2008), p. 55-70.
- ³⁴ *Ibid.*, p. 135-137.
- ³⁵ Além disso, a lua nova é mencionada no centro do quiasma porque ela é fundamental para determinar o tempo das festas de peregrinação.
- ³⁶ Ronald F. Youngblood, *Wycliffe Bible Encyclopedia* (Chicago, IL: Moody, 1975), p. 601.
- ³⁷ Mt 12:2, 5, 8; 24:20; Mc 2:27, 28; 6:2; 15:42; 16:1; Lc 6:1, 5, 6, 7, 9; 13:14-16; 14:1, 3, 5; 23:54, 56; Jo 5:9, 10, 16, 18; 7:22, 23; 9:14, 16; 19:31; At 1:12; 13:27, 41, 44; 15:21; 18:4.
- ³⁸ Mt 12:5, 8; Mc 2:27, 28; 15:42; 16:1; Lc 6:5, 7, 9; 13:14, 15, 16; 14:3, 5; 23:56; Jo 5:18; 9:16; 19:31.
- ³⁹ Mt 12:1, 5, 10-12; 28:1; Mc 1:21; 2:23, 24; 3:2, 4; Lc 4:16, 31; 6:2; 13:10; At 13:14; 16:13; 17:2.
- ⁴⁰ Walter Bauer, *Op. Cit.*, p. 755.
- ⁴¹ Paul E. Deterding, *Colossians* (St Louis, MO: Concordia, 2003), p. 113.
- ⁴² Francis W. Beare, *The Interpreter's Bible* (Nashville, TN: Abingdon, 1983), p. 201.
- ⁴³ Gordon H. Clark, *Op. Cit.*, p. 97.
- ⁴⁴ Walter Bauer, *Op. Cit.*, p. 799.
- ⁴⁵ Ian K. Smith, *Heavenly Perspective: A Study of the Apostle Paul's Response to a Jewish Mystical Movement at Colossae* (Londres: T&T Clark International, 2006), p. 118.
- ⁴⁶ William Hendricksen, *New Testament Commentary: Exposition of Colossians and Philemon* (Grand Rapids, MI: Baker, 1965), p. 124.
- ⁴⁷ Robert W. Wall, *Colossians & Philemon* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1993), p. 121.
- ⁴⁸ *Nisto Cremos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990), p. 338.
- ⁴⁹ David W. Jones, *Introduction to Biblical Ethics* (Nashville, TN: B&H Academic, 2013), p. 165; Robertson McQuilkin, *An Introduction to Biblical Ethics* (Wheaton, IL: Tyndale, 1989), p. 185.
- ⁵⁰ *Nisto Cremos*, p. 336.



Gentileza do autor

Um santuário no tempo

Ignorar o sábado é, na verdade, recusar-se a adorar a Deus, rejeitando-O como nosso Originador

Nos Salmos, nos deparamos com o povo de Israel em adoração. Sua adoração principal ocorria no sábado, “um santuário no tempo”.¹ Esse conceito, de santuário no tempo, em vez de um lugar, representa uma reestruturação radical da cosmologia pagã. Os deuses pagãos se revelavam em lugares e pelos elementos da natureza. Porém o Deus de Israel é santo, *qadosh*, que significa “separado”. Ele é separado, independente de toda a realidade criada. E o lugar de Seu encontro com os seres humanos é no tempo, no sábado, e na História. Como Abraham Heschel, acertadamente, destaca: “Quando a História começou, havia apenas uma santidade no mundo, a santidade do tempo.”²

Na verdade, a primazia do tempo sobre o espaço como lugar de culto pode ser inferida também da construção do tabernáculo (espaço sagrado), a qual foi precedida pela lembrança de se manter a santidade do sábado (Êx 35:2). O sábado também precede a ordem para reverenciar o santuário (Lv 19:30; 26:2). Esse privilégio conferido ao tempo desvaloriza ou dessacraliza o espaço. Elementos da natureza se tornam matéria, meros objetos, a criação de Deus. Eles deixam de ser deuses ou médiuns do divino. Dessacralizados, eles passam a ser capazes de “à sua própria maneira, em uma língua que não é nem perceptível para o ouvido nem compreensível para os seres

humanos”,³ declarar a glória de Deus e se proclamarem como obra das Suas mãos (veja Sl 19:1).

Na verdade, quando lemos no Salmo 19 que “os céus declaram a glória de Deus”, é como se estivéssemos ouvindo uma voz “que zomba das crenças dos egípcios e babilônios”,⁴ especialmente sua exaltação do sol, da lua e das estrelas. Não somente isso, mas nos versículos 7-11 o salmo conscientemente transfere para a Torá os poderes jurídico-morais que os egípcios e babilônios atribuíam ao sol.

Também é fascinante que na tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14, esses princípios básicos ressurgam em meio ao conflito final da história terrestre.

A ordem moral

Embora a natureza proclame a glória divina de maneira majestosa, a natureza – quer no céu ou na Terra – não pode prover valores morais nem direção espiritual para os seres humanos. A amoralidade da natureza é a razão pela qual o Salmo 19:7-11 se refere à lei divina (Torá) para nossa direção moral. Todas as competências jurídico-morais e até mesmo a terminologia empregada na Torá ecoam numa adoração aos astros, porém “o vocabulário não tem conotação pagã e assume uma nova dimensão. Não é YHWH, o Deus de Israel, contra o deus do sol, mas Sua lei, que é o foco do contraste”.⁵

Em outras palavras, a polêmica contra o paganismo é na realidade sobre a lei de Deus e sua soberania sobre o ser humano. No versículo 11, o salmista se apresenta como servo de Deus e submisso à soberania da lei do Senhor.

Para entender o que essa submissão implicava, devemos lembrar que a entrega da lei no Sinai foi precedida por “um duplo êxodo – o dos patriarcas quando deixaram a Mesopotâmia e o grande êxodo do Egito”. Ambos foram “um veemente repúdio às versões egípcia e mesopotâmica da ordem cósmica”.⁶ Assim, no Sinai, vemos Deus estabelecendo uma ordem social para a nação israelita que espelhava a modalidade estrutural da criação. Em Gênesis 1 observamos que Deus criou o mundo por meio de um processo de separação e distinção. Ele separou a luz das trevas, os céus da terra, a terra da água, e os encheu de espécies distintas de plantas e animais. Criou Adão, e depois Eva de uma costela separada de Adão. Coroando tudo isso, Ele separou o sétimo dia de outros dias, e fez o santo sábado.

A história da criação termina com o sábado. O decálogo se refere explicitamente à criação no quarto mandamento (Êx 20:11). Portanto, o sábado é a ligação histórica entre a criação e o decálogo ou o Sinai e o concerto divino, apontando para Deus como originador de ambos. Na verdade, a frase “Lembra-te do dia de sábado”

assume que o sábado teria sido uma prática corrente *antes* do Sinai. Então, novamente, a menção explícita de que “em seis dias o Senhor fez os céus e a Terra, o mar, e tudo o que neles há” (v. 11) alude diretamente às separações e distinções utilizadas por Deus na criação, as quais Ele empregou novamente no Sinai.

Santo versus profano

A intenção divina foi estabelecer uma nova ordem moral, plena em santidade. É por isso que em Levítico, cujo tema central é a santidade, as separações se estendem às atividades mundanas. “Não acasalar diferentes espécies de animais.” “Não plantar dois tipos diferentes de semente.” “Não usar vestuário de dois tipos de material” (Lv 19:19). O ponto crucial aqui, como Lucien Scubla observou, é que “os homens não devem unir as coisas que Deus separou. Há uma estreita relação entre a criação do mundo em Gênesis e as proibições em Levítico e Deuteronômio. [...] A criação divina é um processo que vai da desordem para a ordem. Portanto, essas declarações nos proibem de retornar à desordem, misturando coisas que o próprio Deus separou”.⁷

Na verdade, o paganismo de imoralidades e monstruosidades grotescas decorre da mistura do sagrado com o profano, do humano com o divino, do natural com o sobrenatural. Em resumo, isso é uma inversão da ordem da criação. Ao misturar as coisas que Deus separou, ele recria o caos primitivo o qual influencia a esfera moral. Sem distinções entre o sagrado e o profano, tudo é aceito como sagrado e moral. Iniquidade é apresentada como piedade. Obliterar as distinções entre o sagrado e o profano leva à maldade desenfreada. “Seus sacerdotes cometem violência contra a Minha lei e profanam Minhas ofertas sagradas; não fazem distinção entre o sagrado e o comum; ensinam que não existe nenhuma diferença entre o puro e o impuro; e fecham os olhos quanto à guarda dos Meus sábados, de maneira que sou desonrado no meio deles. Seus oficiais são como

lobos que despedaçam suas presas; deram sangue e matam gente para obter ganhos injustos. Seus profetas disfarçam esses feitos enganando o povo com visões falsas e adivinhações [...] O povo da terra pratica extorsão e comete roubos; oprime os pobres e os necessitados e maltrata os estrangeiros, negando-lhes justiça” (Ez 22:26-29).

Assim, ignorar o sábado é, na verdade, recusar-se a adorar a Deus, rejeitando-O como nosso Originador. “A reivindicação divina à reverência e culto acima dos deuses dos gentios tem por base o fato de que Ele é o Criador, e que a Ele todos os outros seres devem sua existência.”⁸ “O quarto mandamento é o único de todos os dez em que se encontra tanto o nome quanto o título do Legislador.”⁹ O sábado nos mostra que Deus é o legítimo Proprietário da Terra; portanto, negar isso é usurpar as prerrogativas divinas.

O caráter inclusivo do sábado é demonstrado em Isaías 56. Estrangeiros e eunucos que se apegavam à aliança divina e aceitavam a santidade do sábado se tornavam membros efetivos na congregação de Israel, desfrutando suas bênçãos espirituais: “Pois a Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos” (v. 7). Isso lembra a promessa abraâmica de bênção universal (Gn 12:3). Essa promessa encontra seu cumprimento em Apocalipse 14:6, 7 na proclamação do evangelho eterno a toda nação, tribo, língua e povo. Na adoração todos se tornam um. Assim como a promessa de Abraão era uma negação implícita do totalitarismo de Babel, edificada para formar uma unidade contra Deus, a mensagem do primeiro anjo nega a oferta semelhante de Babilônia, a Grande (v. 8).

As três mensagens angélicas

Significativamente, o sábado é o ponto crucial desta negação. “O paralelismo verbal entre Apocalipse 14:7: ‘fez os céus, a Terra, o mar’ com Êxodo 20:11: ‘fez os

céus e a Terra, o mar’ [...] juntamente com paralelos temáticos e estruturais, mostra que a porção posterior da fala do primeiro anjo constitui uma alusão clara e direta ao quarto mandamento de Êxodo 20:11.”¹⁰ E o quarto mandamento, por sua vez, se refere diretamente à criação; às distintas ordens divinas que se contrapõem ao abrangente universo pagão, com sua confusão do humano com o divino, do material com o espiritual, e do religioso com o político.

A íntima ligação entre o sábado e a santidade é o que faz do sábado o teste da verdade na batalha final entre o bem e o mal, entre Cristo e o anticristo. Com efeito, uma vez que “o mundo todo está sob o poder do Maligno” (1Jo 5:19, NVI), celebrar o sábado é passar de um universo amoral para seu oposto. Recusar-se a mover é recusar adorar o Deus Criador. É por isso que as três mensagens angélicas são apresentadas no contexto do julgamento, acompanhadas pelo terrível aviso do derramamento iminente da ira de Deus. Esse aviso é um ato de misericórdia – para que possamos escapar do “fogo eterno, preparado para o Diabo e os seus anjos” (Mt 25:41). 

Referências:

- ¹ Abraham Joshua Heschel, *The Sabbath: Its Meaning for Modern Man* (Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1951), p. 29.
- ² *Ibid.*, p. 9.
- ³ Nahum M. Sarna, *On the Book of Psalms: Exploring the Prayers of Ancient Israel* (Nova York: Schocken Books, 1993), p. 80.
- ⁴ Henri Frankfort et al., *The Intellectual Adventure of Ancient Man: An Essay on Speculative Thought of the Ancient Near East* (Chicago, IL: University of Chicago Press, 1964), p. 363.
- ⁵ *Ibid.*, p. 92.
- ⁶ Peter L. Berger, *The Sacred Canopy: Elements of a Sociological Theory of Religion* (Nova York: Anchor Books, 1967), p. 115.
- ⁷ Lucien Scubla, *Contagion: Journal of Violence, Mimesis, and Culture*, v. 12, 13 (2006), p. 16.
- ⁸ Ellen G. White, *Patriarques e Profetas*, p. 239.
- ⁹ *Ibid.*, p. 216.
- ¹⁰ John T. Baldwin, *Creation, Catastrophe and Calvary* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), p. 19.



Gratidade do autor

Celebração do trabalho divino

Guardar o sábado significa colocar Deus como administrador e agente principal em todos os aspectos de nossa vida profissional

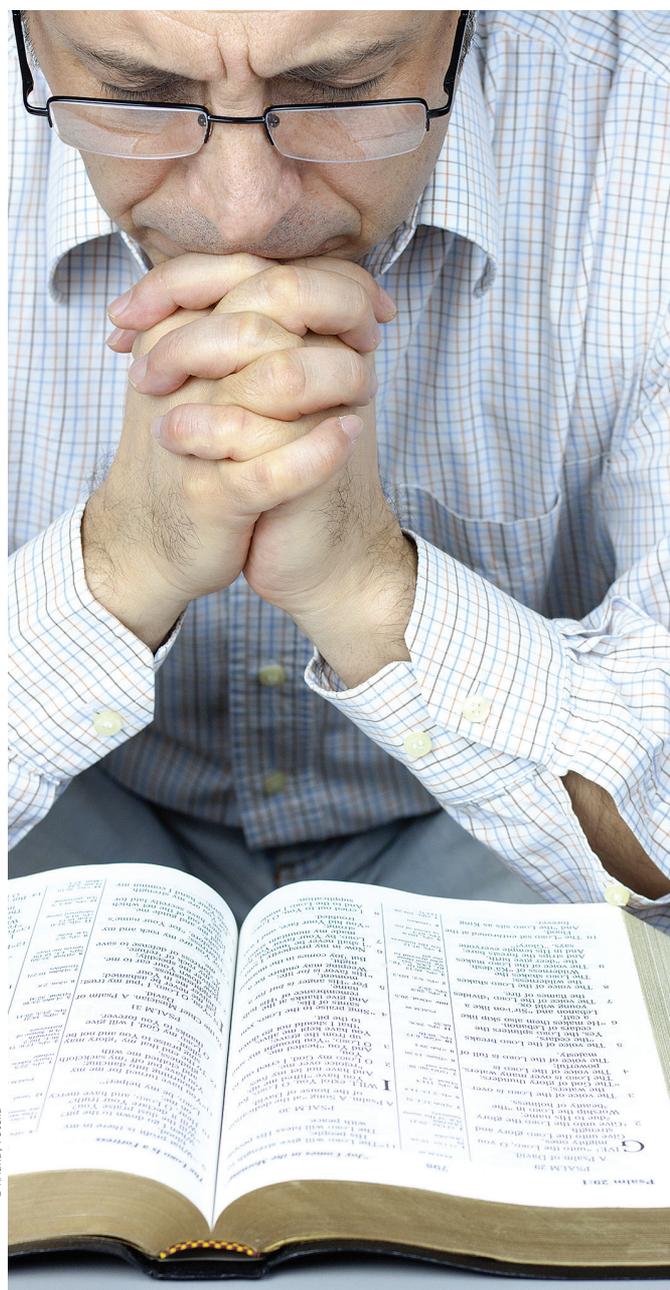
Certamente, o sábado celebra a obra criadora de Deus, e não o trabalho do homem. Porém, todos fomos beneficiados com um dia semanal de descanso para comemorar essa obra divina. Mas a questão é: Será que o conceito divino do sábado contribui para nossa compreensão e desempenho das tarefas comuns de cada dia? Este artigo argumenta que o quarto mandamento, a santidade do sábado, não diz respeito somente a um dia de descanso, mas também pressupõe nosso compromisso com Deus nos demais dias da semana. O sábado do sétimo dia somente pode ser mantido santo se trabalhamos da maneira que Deus deseja nos outros seis dias da semana.

Os deuses de algumas sociedades antigas evitavam o trabalho. O épico mesopotâmico de Atrahasis, do primeiro e segundo milênios a.C., descreve como os deuses enfadados do trabalho e disputando uns com os outros sobre quem deveria fazê-lo, criaram os seres humanos para resolver o dilema.¹ O grego Hesíodo escreveu no oitavo século a.C. que os deuses criaram os seres humanos para fazer seu trabalho como castigo por terem roubado deles o fogo. Então, os deuses enviaram Pandora como “dádiva”, a qual derramou sua jarra deixando cair todas as labutas e doenças graves que atormentam a humanidade até hoje.² Em tais sistemas religiosos o trabalho era visto como algo impróprio para os deuses, que foram feitos para desfrutar a luxúria e o ócio eterno. Os seres humanos ainda compartilham com os antigos a ilusão de que o ócio é a felicidade máxima.

Na contramão desse conceito pagão, o Deus dos hebreus é triunfalmente descrito trabalhando. A primeira informação bíblica declara que Ele trabalhou e, mais do que isso, Ele trabalhou para criar um mundo maravilhoso para Seus filhos (Gn 1:1-2:3). A nós, criados à imagem de Deus, foi graciosamente ofertado o dom do trabalho (Gn 1: 26-28; 2:15). O sábado comemorou o trabalho da própria criação de Deus. Ele foi estabelecido para abençoar e santificar (Gn 2:2, 3).

O mandamento

Os Dez Mandamentos endossam a narrativa da criação de que Deus trabalha em favor de seres humanos. Deus escreveu em tábuas de pedra Seus mandamentos demonstrando assim que a razão para a observância



© Mariana / Fotolia

do quarto mandamento é a criação do mundo. Ele mesmo estabeleceu o sétimo dia para ser santificado e para descanso como memorial dessa atividade criadora (Êx 20:8-11). Quando Moisés repetiu os mandamentos para o povo, em seu sermão de despedida, ele acrescentou a obra de redimir Israel da escravidão do Egito (Dt 5:15) como justificativa para o descanso sabático. Assim, ambas as referências ao quarto mandamento afirmam algo que os antigos povos contemporâneos de Israel teriam visto como um conceito chocante – de que Deus trabalha em favor dos seres humanos.

Mas o mandamento do sábado também diz respeito ao nosso trabalho. Tal reconhecimento prevê que o chefe da casa, sua família, seus funcionários, e até mesmo seus animais, tenham a oportunidade de descansar. Além disso, todo trabalho deve cessar; não deve ser repassado ao desconhecido ou estrangeiro (Êx 20:10; Dt 5:14). No caso dos israelitas, Deus estabeleceu que o sábado seria um benefício para eles e também para os “estrangeiros dentro dos seus portões”.

Assim, o quarto mandamento tem uma triplíce razão para ser uma oportunidade de repouso sagrado: em primeiro lugar, o sábado comemora a obra de Deus para a humanidade; segundo, sua provisão é para todos os seres criados; e em terceiro lugar, ele reconhece a dignidade do trabalho humano.

Perspectiva literária hebraica

No relato de Gênesis 2:1-3, o verbo “santificar” está no tempo *piel* que indica intensificação e repetição da ação.³ A intensificação implica que a santificação teve um efeito imediato, e a repetição implica que a bênção do sábado deve ser repetida a todos posteriormente. O sábado não foi estabelecido apenas para ser uma bênção judaica.⁴

Uma única letra hebraica, o *vau*, geralmente é utilizada para adicionar algo ao

texto e é traduzida como “e” ou similar. Às vezes, essa simples letra contrasta o significado sendo traduzida por “mas” ou similar.⁵ Para a maioria dos tradutores da Bíblia o *vau* que ocorre no quarto mandamento, entre a ordem para os seres humanos trabalharem durante seis dias e, em seguida, se lembrar do sábado, parece atuar como um contraste e, portanto, tem sido traduzida como “mas” (ver Êx 20:10 na KJV, ESV, NKJV, RSV). No entanto, ela pode ser justificadamente traduzida por “e”, conforme defende Jay Green.⁶ O sábado contrasta o trabalho humano com a obra divina, mas a mudança na tradução do *vau*, conseqüentemente, não contrastaria o trabalho humano com o sábado, porém, poderia indicar a intenção de Deus para conectar intimamente a bênção do sábado com o trabalho humano diário, assim como Ele abençoou Sua obra de criação (Gn 1:22, 28). O trabalho, é claro, foi a intenção divina para os seres humanos, mesmo no Éden (Gn 1:26; 2:15).

Perspectiva de Jesus

Um dos princípios do Reino de Deus, apresentado por Jesus no Sermão do Monte, é: “Não pensem que vim abolir a lei ou os profetas; não vim abolir, mas cumprir” (Mt 5:17). No entanto, muitas vezes, durante seu ministério terrestre, Jesus discordou dos líderes religiosos a respeito da guarda do sábado. Seu delito recorrente foi curar. Uma atividade considerada como trabalho. Embora essas curas apenas insinuassem uma habilidade criativa, Jesus simplesmente se defendeu mencionando que era lícito fazer o bem no sábado (Mt 12:12). Porém, quando curou o homem à beira do tanguê de Betesda, Ele fez uma declaração chocante: “Meu Pai ainda está trabalhando, e eu estou trabalhando” (Jo 5:17, RSV). Jesus, aqui, parece ter apresentado Deus como quebrando, Ele próprio, Seu mandamento do sábado!

A aparente abordagem controversa de Jesus em relação à observância do sábado sugere que Ele estava tentando ensinar alguma coisa sobre o propósito desse

dia que não foi compreendida pelos judeus. Ele declarou que o sábado também é um dia para fazer o bem. O sábado é um presente oferecido por Deus a Seus filhos, e, o mais surpreendente, ele estabelece uma conexão entre Deus e o trabalho humano.

Deus Conosco

O sábado é uma lembrança de que Deus pretendia estar presente com a humanidade desde o princípio. O mundo não foi feito em seis dias, mas em sete (Gn 2:2). Certamente, a atividade criativa material de Deus ocorreu em seis dias, ao fim dos quais Ele viu tudo o que tinha feito e disse: “Muito bom!” (Gn 1:31). Os céus e a Terra foram acabados (Gn 2:1), mas no sétimo dia Deus terminou Sua obra, não a Terra e os céus, ou fazendo algo imaterial, mas vital, um dia abençoado e santificado (v. 2, 3). O mandamento observa que esse dia foi santificado, e o que faz qualquer coisa ser santa é a presença de Deus. A provisão restante do mandamento faz com que esse dia seja de comunhão entre Deus e os seres humanos a quem Ele criou, sem a distração do trabalho diário.

Quando os homens decidiram gerenciar o mundo pelos seus próprios esforços, achando que seu conhecimento era tão bom quanto o de Deus, logo descobriram que não era (Gn 3:1-7). Mesmo assim, Deus não os abandonou. Ele ainda estava lá para trabalhar por eles e “levá-los para fora da casa da escravidão”. O primeiro ato divino pós-edênico foi fazer roupa apropriada para Adão e Eva, porque as roupas de folhas de figueira, escolhidas por eles, eram inadequadas (v. 21). Assim, esses textos mostram que os pecadores não podem se redimir da escravidão do pecado sem a ajuda de Deus.

Alguns têm visto as imperfeições presentes no mundo e, erroneamente, querem justificar que o trabalho criativo de Deus ainda esteja inacabado e os seres humanos são chamados para terminá-lo. O trabalho humano é entendido como uma “continuação da obra divina da criação”, e

que os homens, “continuam a obra de Deus para transformar a Terra em Céu”.⁷ Os seres humanos foram designados para completar a obra de Deus e levar o mundo à perfeição.⁸ Mas o sábado mostra que é Deus quem está trabalhando para nós e conosco. Embora o propósito original do sábado fosse o de revelar a presença contínua de Deus num mundo perfeito que Ele mesmo criou, Deuteronômio nos mostra que uma fantástica lembrança da atividade criativa divina e do Seu desejo de manter relacionamento com a humanidade é que Sua obra era necessária não apenas para nos criar, mas também para nos redimir da escravidão do pecado (Dt 5:15).

Enquanto a atividade criadora de Deus é descrita, praticamente, sem esforço divino – Deus simplesmente falou e o mundo veio a existir, a obra de redimir o homem é apresentada com esforço físico e necessário: “Lembra-te [...] que o Senhor, o teu Deus, te tirou de lá com mão poderosa e com braço forte” (Dt 5:15). Deus não Se retirou para deixar a humanidade “tentar” limpar o mundo do pecado, mas Ele está presente com Seu poder para nos redimir. Israel foi advertido para “não esquecer” (isso também nos lembra do mandamento do sábado [Êx 20:8]) que foi Deus quem os tirou do Egito. Foram especialmente advertidos de que sua prosperidade vindoura em Canaã não deveria ser atribuída a seus próprios esforços (Dt 8:11-19).

Assim, o mandamento do sábado em Deuteronômio demonstra que Deus está trabalhando em nosso favor. Diferentemente de ter deixado o mundo para que nós o completemos, Ele está presente para nos ajudar em nossa necessidade de salvação eterna e nas atividades diárias que empreendemos.

A ressurreição de Jesus foi um evento incrível que claramente demonstrou o poder de Deus sobre a morte. Mas essa obra vitoriosa de Deus não pode ser separada do Seu compromisso de trabalhar em favor de todas as coisas que Ele criou e que, no fim, irá fazê-las novas outra vez. Isso

macularia nossa apreciação por Sua majestosa obra criadora e redentora.

Jugo de Cristo

Deus fez o sábado não apenas para prover o descanso ao homem, mas também para lhe assegurar que estaria com ele. O sábado é um sinal entre Deus e Seu povo (Ez 20:20). Nós precisamos do descanso físico; porém, Jesus reconheceu nossa necessidade de um descanso mais profundo. Ele nos convida: “Venham a Mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e Eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o Meu jugo e aprendam de Mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve” (Mt 11:28, 29).

Ao tomar o jugo de Cristo, reconhecemos nossa incapacidade de alcançar as coisas por nós mesmos. Unidos a Ele podemos nos regozijar na obra que Ele faz *em nós* e *conosco*. Deus trabalha conosco permitindo que nosso trabalho seja uma bênção. Deus abençoou o casal original (Gn 1:28). Depois do dilúvio, Deus abençoou Noé e sua família (Gn 9:1). Quando Deus chamou Abrão, Ele prometeu não só abençoá-lo, mas também que ele seria uma bênção aos outros (Gn 12:2).⁹ Isso pode parecer muito oneroso, na verdade, uma exigência absurda, entretanto a recomendação de Cristo é: “[...] sem Mim vocês não podem fazer coisa alguma” (Jo 15:5). Sem Jesus nada de fato vai acontecer, mas unidos a Ele a ordem para ser uma bênção pode ser cumprida.

Sábado e trabalho

O sábado é, assim, uma linda celebração do trabalho. Embora a obra criadora e redentora de Deus em nosso favor seja celebrada primariamente, o sábado também contém a promessa maravilhosa de que a presença de Deus nos permitirá realizar nosso trabalho de uma forma abençoada. O sábado enobrece nosso conceito sobre o trabalho. Enquanto os seres humanos estão tentando isso desesperadamente para

salvar o planeta, prolongar a vida e destruir abusos de todos os tipos, Deus promete que a celebração do sábado, em nossos pensamentos, durante as atividades da semana, se torna uma bênção. O Deus do sábado é o grande Deus trabalhador. Temos o privilégio de participar de Seus planos. “Guardar” o sábado significa mais do que simplesmente ter um dia para descansar. Significa colocar Deus como *administrador* e *agente* principal em todos os aspectos de nossa vida profissional.

Portanto, o sábado nos fornece um critério para medir o valor do trabalho realizado. A avaliação da obra da criação foi uma atividade “pré-sabática” de Deus, e Ele disse que “tudo era muito bom” (Gn 1:31-2:3). À luz da bênção do sábado, todo trabalho que empreendemos também pode ser avaliado. O critério é simples: Tem o seu trabalho, realizado sob o *jugo* e *poder* de Jesus, sido uma bênção? Se a resposta for positiva, então, você poderá ouvir: “Muito bem, servo bom e fiel [...] Entra no gozo do teu Senhor” (Mt 25:21, 23, RSV) – no descanso sabático eterno, tornado real pela presença de Deus. **M**

Referências:

- ¹Norbert Lohfink, *Great Themes From the Old Testament* (Edinburgh: T&T Clark 1982), p. 204, 205.
- ²Hesiod, “Theogony” e “Works and Days” (New York: Oxford University Press, 2008), p. 38, 39.
- ³Ethelyn Simon, Irene Resnikoff, e Linda Motzkin, *The First Hebrew Primer*, 3ª ed. (Berkeley, CA: EKS Publishing, 2005), p. 255.
- ⁴Veja exemplo da posição contrária em N. Lohfink, *Great Themes From the Old Testament*, p. 216.
- ⁵David J. A. Clines, ed., *The Concise Dictionary of Classical Hebrew* (Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 2009), p. 95.
- ⁶Jay Patrick Green, ed., *The Interlinear Bible: Hebrew-Greek-English* (Peabody, MA: Hendrickson, 2011), p. 65, 159.
- ⁷N. Lohfink, *Great Themes From the Old Testament*, p. 220.
- ⁸Papa João Paulo II, “*Laborem Exercens*” (1981), seção 25.
- ⁹Laurence Turner, *Genesis* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000), p. 64; e W. Lee Humphries, *The Character of God in the Book of Genesis* (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2001), p. 83.

vida e Saúde

SEXUALIDADE
Até que ponto os estímulos sexuais afetam as escolhas dos homens

BOA PINTA?
O lado obscuro das manchinhas causadas pelo sol. Verão pode custar o dobro

DIETA COM DOZE REGRAS PARA VOCÊ VIVER BEM

AUTOESTIMA

tecnologia

Conexão obsessiva

SÔNDO, POSTURA, PERDA DE ATENÇÃO... NÃO TEM JEITO. AS NOVAS TECNOLOGIAS MEXEM MESMO COM A GENTE

Texto: Carolina Parra

Segredo da longevidade

SAIBA O QUE É MITO E O QUE NÃO É QUANDO O ASSUNTO É PRÓTIMA A VIDA E MELHORAR A SAÚDE

A glicose entra nas células com a ajuda da insulina. No entanto, em pessoas com resistência à insulina, a glicose não consegue entrar nas células com a mesma facilidade.

Causas e prevenção
Está cada vez mais claro que a síndrome metabólica é relacionada a um estilo de vida inadequado. Sedentarismo e dieta rica em gorduras saturadas, colesterol e gordura trans são alguns fatores que causam aumento de peso e prejudicam o organismo a resistência à insulina.

- Faça pelo menos 30 minutos de exercício físico de intensidade moderada, como caminhada rápida, todos os dias.
- Mantenha o peso ideal. Perder cinco a dez por cento do seu peso corporal pode reduzir os níveis de insulina, a pressão arterial, e diminuir o risco de desenvolver diabetes. Seu Índice de Massa Corporal (IMC) deve estar abaixo de 25 (para calcular, divida seu peso pela sua altura, elevada ao quadrado).
- Procure melhorar sua dieta. Estudos realizados na Universidade de Iowa, nos Estados Unidos, mostraram que pessoas que seguem uma dieta vegetariana têm menor risco de desenvolver a síndrome metabólica. Portanto, reduza gorduras saturadas provenientes dos alimentos de origem animal (carnes, leite e derivados) e aumente o consumo de frutas, verduras e grãos integrais - itens ricos em fibras dietéticas, que podem reduzir os níveis de insulina. Evite alimentos processados ou fritos; reduza o sal; a comida e experimente usar como temperos ervas e especiarias.
- Ômega-3. Estudos revelam que o consumo de ácidos graxos ômega-3 reduz a resistência à insulina. Você pode encontrar o ômega-3 na semente e no óleo de linhaça, na chia e nas nozes.
- Pare de fumar. O hábito de fumar cigarros aumenta a resistência à insulina e agrava as consequências da síndrome metabólica.
- Agende exames regulares. Periodicamente, verifique seus níveis de pressão arterial, colesterol e glicose no sangue. Se tem pelo menos um componente da síndrome metabólica, você pode ter os outros e não saber. Vale a pena conferir com seu médico. Pergunte a ele se você precisa de testes para outros componentes da síndrome e o que você pode fazer para evitar doenças graves.

Fique atento!
Tem ou não tem?
Para afirmar que uma pessoa tem síndrome metabólica, ela deve apresentar três ou mais dos itens a seguir:

- Aumento da circunferência abdominal: maior que 102 cm nos homens e 88 cm nas mulheres
- Triglicéridos: maior que 150 mg/dl
- Colesterol-HDL ("bom"): menor que 40 mg/dl

O excesso de insulina no sangue leva ao aumento da rigidez das artérias, ganho de peso e pressão alta devido à retenção de sódio e líquidos e piora no diabetes tipo 2, quando a glândula engorça sua capacidade de produzir insulina.

Como resultado, os níveis de glicose no sangue começam a subir, apesar da tentativa do corpo de controlar a glicose produzindo mais e mais insulina.

O resultado é o acúmulo cada vez maior de insulina na circulação.

lo sobre coisas
prio ambiente

as que afetam
sem os mais
em esse jogo,
isto mais diver-
T", explica.

Advertida Par-
tiza, explica que
tecnologia pode
minimizar, a pro-
fessor em conta o
os fatores podem
no se firme. "A
Se descontrolar
no pânico, fobia
impulsivo ou até
pouca.

NDO
inação da tecnol-
já haviam sido
adidos intruso-
om dificuldades
ra quatro e ali

O QUE AS NOVAS TECNOLOGIAS PODEM COMPROMETER

- **Comprometimento pessoal:** Isolamento, transtornos de ansiedade, comprometimento do sono, transtornos alimentares, transtornos depressivos, comportamento antissocial com tendência para agressividade, transtornos de humor com tendência para irritabilidade e/ou apatia, tendência para estresse, tendência para fobia, baixa empatia, baixa autoestima, comprometimento da atenção devido às multitarefas com estímulos de iluminação e auditivos, transtornos compulsivos, entre outros.
- **Comprometimento familiar:** comprometimento na dinâmica familiar, inadequação, demanda excessiva familiar, comportamentos como presentismo, baixa companhia, tendência para isolamento familiar, dificuldade para manutenção de vínculos afetivos e demonstração de afeto.
- **Comprometimento social:** tendência para desenvolver rede de relações frágeis, perda de vínculos afetivos construídos na infância, juventude e idade adulta, dificuldade de ampliação da rede de relações como contato profissional, possibilidade de participação.

Deivise Andréia e psicólogo

chegou a nova revista Vida e Saúde

Com novo projeto gráfico, a revista ficou mais moderna e arejada, facilitando a leitura e deixando-a ainda mais bonita. O conteúdo ganhou novas seções e infográficos que vão enriquecer ainda mais seu conhecimento sobre vida saudável. Assine e conheça a nova **Vida e Saúde**. A revista que traz boas ideias para viver bem.



Para assinar:
0800-9790606
www.cpb.com.br
CPB livraria



Gentileza do autor

O testemunho da gramática

A nomeação dos dias da semana no período apostólico evidencia a distinção do sábado entre os primeiros cristãos



Do relato da criação, passando pelo acontecimento miraculoso do Êxodo e os altos e baixos da história de Israel descritos no Antigo Testamento, o sábado se destaca como o memorial

da criação e da redenção. O dia especial de adoração e comunhão para o povo de Deus. Mas, e quanto ao Novo Testamento? Será que os apóstolos e cristãos primitivos guardaram o sábado? Ou será que

a morte de Jesus marcou o início de novas realidades em relação ao sábado? A resposta a essas perguntas afeta a atitude que adotamos hoje em relação ao sábado, porque, como cristãos, nós nos

esforçamos para imitar a fé e prática da igreja primitiva.

Três pontos de vista principais podem ser observados em relação à atitude dos primeiros cristãos sobre a observância do sábado. Primeiro, Jesus, os apóstolos e os cristãos primitivos continuaram observando o sábado, assim como se fazia nos tempos do Antigo Testamento. Segundo, uma transição do sábado para o domingo ocorreu nos primeiros séculos da história cristã, com o domingo gradualmente tomando o lugar do sábado. Terceiro, o próprio conceito do sábado passou por uma mudança, sugerindo que, com a morte de Jesus, o sábado foi abolido e não mais haveria qualquer dia santo no ciclo semanal, todos os dias seriam iguais.

Este estudo não tem o objetivo de dar uma resposta abrangente para todas as questões envolvidas. Ao contrário, ele se concentra em um aspecto: os nomes dos dias da semana no Novo Testamento e em outras literaturas da igreja cristã primitiva, e como esses nomes nos dão informações sobre o assunto em discussão.

O Novo Testamento menciona os nomes de três dias da semana: o primeiro, o sexto e o sétimo – domingo, sexta-feira e sábado. Vamos analisá-los em ordem inversa antes de considerar os demais dias da semana em outra literatura.

O sétimo dia

O Novo Testamento chama o sétimo dia “sábado”, *sabbaton* no grego.¹ Ele é a tradução da palavra hebraica *shabbat* (sábado), que por sua vez vem do verbo *shabat*, “cessar, findar, descansar”,² termo que indica o dia bíblico de descanso e adoração. *Sabbaton* aparece 68 vezes no Novo Testamento, todas relacionadas com o sétimo dia, com exceção de Colossenses 2:16.³

Biblicamente falando, a palavra sábado é um título, não um nome. Quando falamos de João Batista, “João” é o nome, e “Batista” é o título que define sua função.⁴ Quando nos referimos ao apóstolo Paulo, “Paulo” é o nome e “apóstolo” seu título.⁵

Da mesma forma, quando lemos: “O sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus” (Êx 20:10),⁶ o nome do dia é “sétimo”. Tal uso está em harmonia com a prática dos hebreus em ambos os tempos bíblicos⁷ e, atualmente, para nomear os dias usando numerais.⁸ “Sábado” é um título para o sétimo dia. Como tal, define o objetivo específico do sétimo dia: um dia de descanso e adoração.⁹ Apesar de ser verdade que, eventualmente, a palavra passou a ser usada como um nome, bíblica e teologicamente, “sábado” é um título.

O uso do título é especialmente evidente nos escritos de Lucas. Enquanto outros escritores do Novo Testamento se referem ao sétimo dia simplesmente pelo substantivo “sábado”, Lucas usou seis vezes a forma “dia de sábado”, *hēmera tōn sabbatōn*.¹⁰ No grego bíblico, quando o nominativo, acusativo ou dativo do substantivo “dia” (*hemera*) é seguido por um substantivo no genitivo como é o caso aqui, o genitivo funciona adjetivamente e define o substantivo principal “dia”.¹¹ Por exemplo, os “dias da ceifa do trigo” de Gênesis 30:14 são os dias em que a colheita ocorria. O dia da purificação de Êxodo 29:36 era o dia em que se ofereciam certos sacrifícios. Da mesma forma, nós temos o dia da “alegria” (Nm 10:10), “expição” (Lv 23:27; 25: 9), “promessa” (Nm 6:5), “praga” (Nm 25:18), e muitos mais.

Semelhantemente, *hēmera tōn sabbatōn* deve ser traduzido como um adjetivo genitivo de aposição, “o dia em que é o sábado”, confirmando que “sábado” é usado como um título.¹² Definir um dia pelo título, quando esse título, supostamente, já não mais fosse válido não faz sentido. A conclusão mais lógica é que Lucas descreveu o sétimo dia assim, porque o sétimo dia, aproximadamente 30 anos após a morte de Jesus, continuava sendo o sábado.

Além disso, o “dia de sábado” de Lucas é uma construção relativamente rara e é usada pela primeira vez na LXX para o quarto mandamento. Literalmente, “Lembra-te do dia que é o sábado para o

santificar”. Construção semelhante aparece na repetição dos mandamentos (Dt 5:12, 15). A maioria dos usos subsequentes aparece em textos em que são descritos comportamentos proibitivos para o sábado.¹³ Seria realmente estranho para Lucas, um cristão gentio, usar uma terminologia que deriva da LXX, se ele a considerasse totalmente extinta.

Separada da palavra sábado, a expressão “o sétimo dia” aparece duas vezes, simplesmente, como uma designação numérica “sétimo dia”. Ambas ocorrem em Hebreus 4:4.

O sexto dia

O Novo Testamento se refere diretamente cinco vezes ao sexto dia. Todos relacionados com os acontecimentos da crucificação. Duas palavras são utilizadas: *paraskeuē* (Mt 27:62; Mc 15:42; Lc 23:54; Jo 19:31)¹⁴ e *prosabbaton* (Mc 15:42). *Paraskeuē* significa “preparação”.¹⁵ Preparação para quê? Evidentemente, para o sábado do sétimo dia que se segue.¹⁶ Isso fica claro no relato de Lucas: “Era o dia de preparação, e começava o sábado” (Lc 23:54). Nolland comenta: “O ‘dia de preparação’ é o dia antes do sábado, em que os preparativos necessários devem ser feitos a fim de que as restrições do sábado possam ser fielmente observadas.”¹⁷

A palavra *prosabbaton* literalmente significa “o [dia] anterior ao sábado”.¹⁸ Ela pressupõe um sentido de movimento em direção ao sábado. A palavra só aparece em Marcos 15:42, mas Lucas, igualmente, realça esse movimento afirmando que era o dia de preparação e “o sábado estava começando” (Lc 23:54). Portanto, a designação da sexta-feira pelas palavras *paraskeuē* e *prosabbaton*, claramente, aponta para o sábado como o ápice da semana.

O primeiro dia

Talvez a terminologia mais reveladora seja a que se relaciona ao “primeiro dia da semana”. Há oito referências no Novo Testamento (Mt 28:1; Mc 16:2, 9; Lc 24:1; Jo 20:1, 19;

At 20:7; 1Co 16:2).¹⁹ O termo grego é *mia sabbatōn*, ou variantes com força semântica semelhante. Todos são compostos do adjetivo numérico “primeiro”, seguido do substantivo “sábado”.

As traduções em inglês, unanimemente, trazem *mia sabbatōn* e suas variantes como “primeiro dia da semana”; isto é, traduzem *sabbatōn* como “week” (semana) em Inglês. Mas estaria correta essa tradução? A palavra *sabbatōn* em nenhum lugar se refere a semana. Ela sempre se refere ao sábado. A palavra grega para semana é *hebdomas*.²⁰

A frase deve ser traduzida por uma das três maneiras seguintes: Bruce traduz *mia sabbatōn* como “primeiro dia após o sábado”.²¹ Lenski prefere a tradução, “o primeiro dia com referência ao sábado”.²² Uma terceira possibilidade é “primeiro [dia] para o sábado”.²³

Porém, seja qual for a tradução adotada, o ponto é que todas as três destacam a importância do sábado como o ápice da semana.²⁴ Dessas três, eu prefiro a terceira, “primeiro [dia] para o sábado”, considerando o fato de que o termo *prosabbaton*, mencionado acima, em referência à sexta-feira, também significa “em direção ao sábado”.

Outros dias da semana

Já consideramos as referências do Novo Testamento para o primeiro, sexto e sétimo dias da semana – domingo, sexta-feira e sábado. E quanto aos demais?

O Novo Testamento não menciona seus nomes, mas outras fontes contemporâneas o fazem. O segundo dia (segunda-feira) foi chamado de *deutera sabbatōn*; o terceiro (terça-feira), *tritē sabbatōn*; o quarto (quarta-feira), *tetartē sabbatōn* ou *tetrad sabbatōn*; e o quinto (quinta-feira), *pepmtē sabbatōn*. Respectivamente, o segundo... terceiro... quarto... quinto... [dia] em direção ao ou para o sábado.²⁵

O latim não tem uma relevância direta para o texto do Novo Testamento porque o Novo Testamento foi escrito em grego. No entanto, o latim era a segunda língua

mais comum após o grego entre os escritores cristãos.

Na Vulgata, tradução da Bíblia para o Latim, datada do quarto século d.C., encontramos os seguintes nomes para os dias da semana: Domingo é chamado *prima sabbati*,²⁶ ou *una sabbati*,²⁷ ambos têm o significado de “primeiro [dia] para/após o sábado”. Segunda-feira é chamada *secunda sabbati*, “segundo [dia] para/após o sábado”,²⁸ e quarta-feira, *quarta sabbati*, “quarto [dia] para/após o sábado”.²⁹ A sexta-feira é chamada *parasceve*,³⁰ uma transliteração direta do grego *paraskeuē*, palavra que, como já vimos, indica preparação para o sábado. Os nomes para os outros dias da semana não aparecem.

No latim não bíblico e eclesiástico, os dias também foram agrupados em torno do sábado. Por exemplo, domingo é chamado *feria prima*.³¹ *Feria* significa “um dia livre”, um dia em que as pessoas, inclusive os escravos, não eram obrigadas a realizar trabalho algum e no qual os tribunais não se reuniam. Inicialmente, um conceito romano secular, no vocabulário cristão, tornou-se uma referência para um feriado religioso, ou dia santo.³²

Como tal, *feria prima* significa “primeiro [dia] após o dia santo” (isto é, o primeiro dia depois sábado).³³ Segunda-

feira era chamada *secunda feria*, “segundo [dia] após o dia santo”. Terça, *tertia feria*; quarta-feira, *quarta feria*; quinta-feira, *quinta feria*; sexta-feira, *sexta feria*; ou seja: “terceiro, quarto, quinto e sexto [dia] após o dia santo”.³⁴

O sétimo dia foi chamado *sabbatum*, *sabbath*, um termo derivado do hebraico *shabbat* através do grego *sabbaton*. Esse sistema latino de se referir aos dias da semana ainda é usado na língua portuguesa.

Avaliação

A partir dessa discussão e do quadro abaixo, é evidente que o Novo Testamento e outros escritores cristãos primitivos, gregos e latinos, semelhantemente, usaram para os dias da semana uma nomenclatura definitivamente sabática. Eles chamaram o sétimo dia de “sábado”; o sexto dia de “preparação [para o sábado]” ou o “dia anterior ao sábado”,³⁵ e os demais dias da semana seguidos por um numeral de referência ao sábado, com destaque para o sábado como o ápice da semana, quando, supostamente, já não era mais observado como “sábado” (dia semanal de descanso).

Por que os cristãos primitivos usaram tal linguagem? Pode-se especular que eles o fizeram por força do hábito. Em sua

Dias da semana	NT/Grego Igreja Primitiva	NT Grego Alternativo	Vulgata Latina	Igreja Latina
Domingo	1º para o sábado		1º para/após o sábado	1º após o dia santo
Segunda-feira	2º para o sábado		2º para/após o sábado	2º após o dia santo
Terça-feira	3º para o sábado			3º após o dia santo
Quarta-feira	4º para o sábado		4º para/após o sábado	4º após o dia santo
Quinta-feira	5º para o sábado			5º após o dia santo
Sexta-feira	Preparação [p/ o sábado]	Dia anterior ao sábado	<i>Parasceve</i> (Preparação)	6º após o dia santo
Sábado	Sábado	Dia de sábado	Sábado	Sábado

maioria, os escritores do Novo Testamento eram judeus e, portanto, estavam acostumados a demarcar a semana com base no sábado.

Mas tal especulação não se pode sustentar. Em primeiro lugar, pelo menos, um dos escritores do Novo Testamento, Lucas, era um converso gentio, e não judeu. Em segundo lugar, a maioria dos livros do Novo Testamento, embora escritos por judeus, foram endereçados a cristãos gentios. Dessa forma, os escritores poderiam ter usado linguagem *palatável* para os gentios. Em terceiro lugar, a maioria dos outros escritores críticos gregos e latinos eram de passado gentílico.

Gregos e latinos já tiveram nomes planetários para os dias da semana, parecidos com os do inglês moderno.³⁶ Assim, tendo adotado um conjunto de diferentes nomes, eles *desprezaram* os nomes utilizados em sua sociedade.

Alguém ainda poderia argumentar que esses nomes planetários eram para enfatizar a prática idolátrica, porque os gregos e romanos que usaram tais nomes eram pagãos. Mas, mesmo nesse caso, os escritores cristãos poderiam ter nomeado os dias da semana utilizando números, sem fazer qualquer referência ao sábado. Esse é o caso em muitos idiomas hoje, e era usado entre os judeus no tempo de Jesus e dos apóstolos. Além disso, Hebreus 4:4 se refere duas vezes ao sétimo dia como “sétimo” ou “sétimo dia”,³⁷ enquanto “sexto dia” é mais comum na designação do Antigo Testamento para a sexta-feira.³⁸

Mas, deliberadamente, os escritores cristãos rejeitaram ambos, os nomes planetários (com exceção de Hebreus 4:4) e os simples nomes numéricos, em favor de uma nomenclatura que é definitivamente sabática.

Por quê? A única conclusão lógica é que os apóstolos e outros escritores cristãos primitivos usaram a linguagem sabática porque eram sabatistas, isto é, eles continuaram a guardar o sábado do sétimo dia, assim como fez o povo de Deus por

milênios, antes deles. Sugerir que o sábado foi alterado do sétimo para o primeiro dia da semana, ou que ele foi abolido completamente, vai contra as evidências examinadas aqui. **IV**

Referências

¹ F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles: Greek Text With Introduction and Commentary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1951), p. 260.

² William Gesenius, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament* (Oxford: Clarendon Press, 1972), p. 991.

³ Ron du Preez, *Judging the Sabbath: Discovering What Can't Be Found in Colossians 2:16* (Berrien Springs, MI: Andrews University, 2008).

⁴ F. F. Bruce in *The New Bible Dictionary*, ed. James Dixon Douglas (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1962), “John the Baptist”.

⁵ A. F. Walls, *ibid.*, “Apostle”.

⁶ Textos bíblicos extraídos da English Standard Version.

⁷ Gênesis 1:5, 8, 13, 19, 23, 31; 2:3; sistema numeral hebraico.

⁸ R. K. Harrison, *Teach Yourself Biblical Hebrew* (Londres: Richard Clay, 1955), p. 104-108; E. Kautzsch, ed., *Gesenius' Hebrew Grammar* (Oxford: Clarendon, 1978), p. 286-292.

⁹ John I. Durham, “Exodus”, *Word Biblical Commentary*, v. 3 (Waco, TX: Word Books, 1987), p. 289.

¹⁰ Lucas 4:16; 13:14, 16; 14:5; Atos 13:14; 16:13. Cf. Joseph A. Fitzmyer, “The Acts of the Apostles”, *Anchor Bible*, v. 31 (Nova York: Doubleday, 1998), p. 509.

¹¹ Daniel B. Wallace, *Greek Grammar Beyond the Basics* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996), p. 78, 79.

¹² *ibid.*, p. 95.

¹³ Êxodo 35:3; Levítico 24:8; Números 15:32, 33; 28:9; Neemias 10:31; 13:15, 17, 19, 22; Jeremias 17:21, 22, 24, 27; Ezequiel 46:1, 4, 12.

¹⁴ João 19:14 e 42 também apresenta a mesma terminologia, porém ela se refere mais à preparação para a Páscoa do que para o sábado, embora nesse episódio a preparação para o sábado e Páscoa coincidam (João 19:31).

¹⁵ Henry George Liddell and Robert Scott, *A Greek-English Lexicon* (Oxford: Clarendon, 1996), p. 1324.

¹⁶ Walter Bauer and Frederick Danker, eds., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3ª ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2001), p. 771.

¹⁷ John Nolland, “Lucas 18:35–24:53”, *Word Biblical Commentary*, v. 35c (Dallas, TX: Word Books, 1993), p. 1164.

¹⁸ Liddell and Scott, *Greek-English Lexicon*, p. 1499; Robert H. Stein, “Mark”, *Baker Exegetical Commentary on the New Testament* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2008), p. 723, 724. Veja também Horst Balz, *Exegetical Dictionary of the New Testament*, v. 3, eds. Horst Balz and Gerhard Schneider (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1982-1983), “*paraskeuh*”.

¹⁹ Alguns argumentam que “O Dia do Senhor” de Apocalipse 1:10 também seja uma referência ao domingo. Isto não procede, porque não há nenhuma evidência de que o domingo era chamado assim na época em que João escreveu o Apocalipse. Biblicamente, a expressão é uma referência ao sétimo dia, o qual é chamado na Bíblia de “o sábado para o Senhor” (Êx 20:10), ou o dia profético “dia do Senhor” (Mt 4:5; At 2:20; 1Co 1:8, 5:5; 2Co 1:14; 1Ts 5:2; 2Pe 3:10), o dia da volta de Jesus.

²⁰ Veja Gênesis 29:27, 28; Êxodo 34:22; Levítico 23:15,16; 25:8; Números 28:26; Deuteronômio 16:9 (2x), 10, 16; 2 Crônicas 8:13; Daniel 9:24, 27; 10:2, 3; *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, p. 269.

²¹ Bruce, *Acts*, p. 372, 606.

²² Richard C. H. Lenski, *The Interpretation of the Acts of the Apostles 15-28* (Minneapolis, MN: Augsburg Fortress, 1944), p. 824.

²³ “Genitive” em Wallace, *Greek Grammar*, p. 100, 101. Exemplos estão em (Mt 10:5; At 16:17; Rm 8:36; 9:22; Gl 2:7; Ef 2:3), entre outros.

²⁴ *From Sabbath to Lord's Day*, ed. D. A. Carson (Grand Rapids, MI: Academie, 1982), p. 398.

²⁵ Veja na LXX, Salmos 47:1; 93:1; Josephus, *Wars*, p. 2.289; *Didache* 8:1; “Εβδομάδα”, *Wikipedia*, acessado em 27 de maio de 2014, <http://el.wikipedia.org/wiki/Εβδομάδα>; Werner Frohlich, “The Days of the Week in Various Languages”, acessado em 27 de maio 2014, <http://www.geonames.de/days.html>; GDZ, acessado em 27 de maio de 2014, http://gdz.sub.uni-goettingen.de/de/dms/load/toc/?PPN=PPN655965645&DMDID=DMDLOG_001.

²⁶ Veja na Vulgata, Mateus 28:1; Marcos 16:9.

²⁷ *ibid.*, Lucas 24:1; João 20:1, 19; Atos 20:7; 1 Coríntios 16:2.

²⁸ *ibid.*, Salmos 47:1.

²⁹ *ibid.*, 93:1.

³⁰ *ibid.*, Mateus 27:62; Marcos 15:42; Lucas 23:54; João 19:31.

³¹ Faith Wallis, “Chronology and Systems of Dating”, em *Medieval Latin: An Introduction and Bibliographical Guide*, eds. Frank Anthony Carl Mantello e A. G. Rigg (Washington, DC: CUA Press, 1996), p. 385.

³² “Feria”, *Catholic Encyclopedia*, New Advent, acessado em 28 de maio de 2014, <http://www.newadvent.org/cathen/06043a.htm>.

³³ Nos séculos posteriores, o nome para o primeiro dia da semana foi mudado de *feria prima* para *dominica* ou *dies dominicus*, “dia do Senhor”.

³⁴ Frohlich, “The Days of the Week”, <http://www.geonames.de/days.html>.

³⁵ Geoffrey W. Bromiley, *Theological Dictionary of the New Testament*, v. 7, (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1971), “*sabbatori*”.

³⁶ E. G. Richards, *Mapping Time: The Calendar and History* (Oxford: Oxford University Press, 1999), p.269.

³⁷ O uso do numeral “sétimo” em referência ao sétimo dia da semana é comum na LXX (Gn 2:2, 3; Êx 16:26, 27, 29, 30; 20:10, 11; 23:12; 24:14; 31:15, 17; 34:21; 35:2; Lv 23:3; Dt 5:14; 2Sm 12:18; e possivelmente Et 1:10).

³⁸ Gênesis 1:31; 2:2; Êxodo 16:5, 22, 29.



Gentileza do autor

Restauração completa

Deus é Aquele em quem a ideia do sábado foi originada. Foi Ele quem instituiu esse dia especial

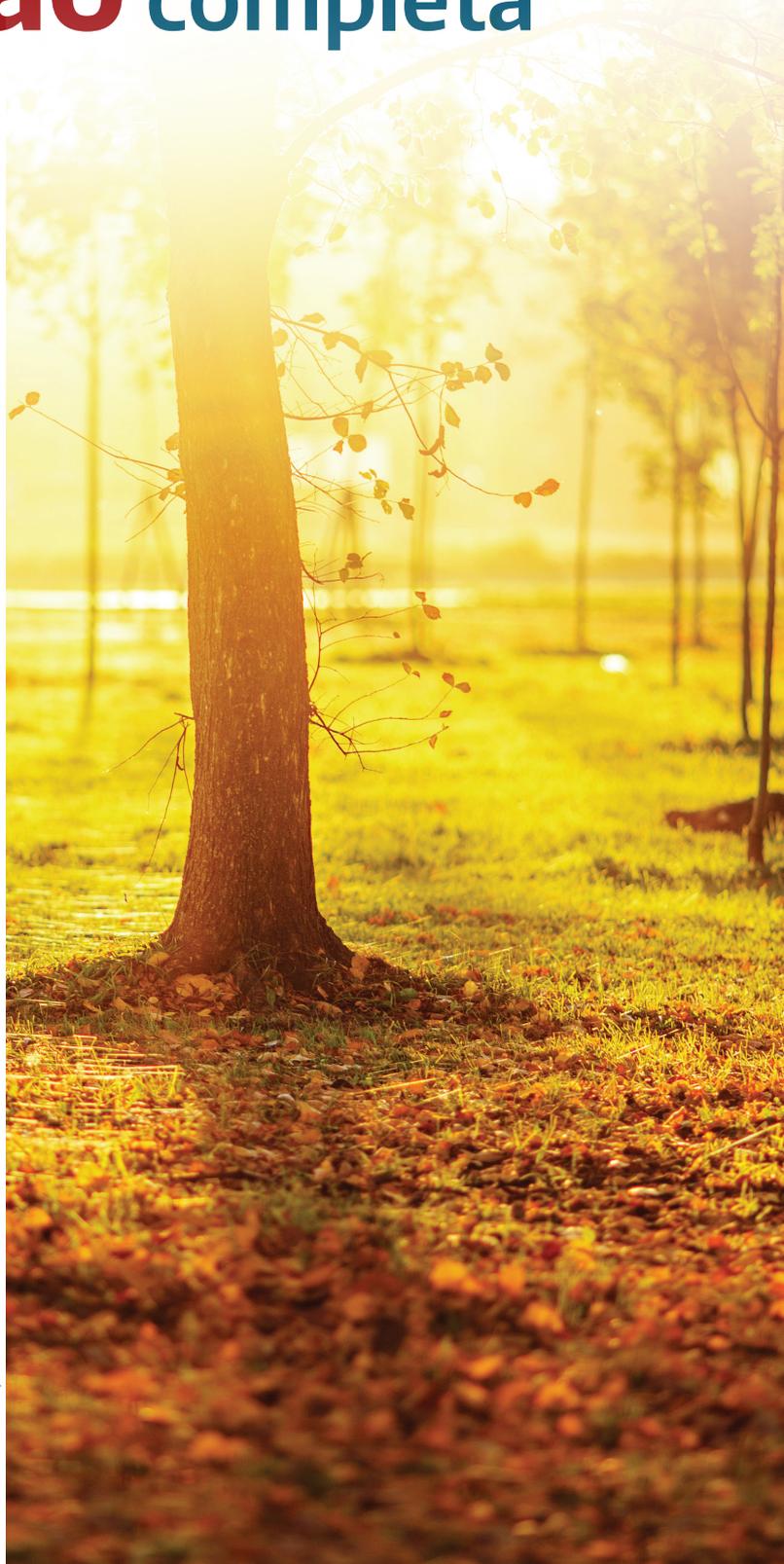
Em certa ocasião, no início do meu ministério, ao ministrar um estudo bíblico com o objetivo de provar que o sábado foi originado na criação, enfrentei desafios que não havia conhecido antes. Ao chegar a esse tema, a pessoa que recebia o estudo apresentou alguns argumentos sobre o que, na visão dela, Gênesis 2:2, 3 diz a respeito da origem do sábado.

Primeiramente, o estudante reconheceu que Deus descansou no sétimo dia. Mas, em seguida, ele argumentou que não há nenhum mandamento no relato da criação para que outras pessoas, além de Adão e Eva, repousassem no sábado. Sim, disse o estudante, Deus abençoou o sétimo dia, mas especificamente nada indica, no relato da criação, que cada sétimo dia subsequente também tivesse sido abençoado ou santificado. Além disso, ele continuou argumentando, as palavras sábado, lei ou mandamento não aparecem em Gênesis 2:2, 3. Quando eu lhe disse que a ideia de observância do sábado estava implícita, ainda que não especificamente estabelecida, ele respondeu que o silêncio não é um princípio exegético válido ou aceitável.

Qual é a evidência encontrada nas Escrituras a respeito da criação e o sábado? Se, de fato, o dom do sábado semanal foi concedido no Éden, como nosso Criador pretendia que Sua criação experimentasse o sábado?

Repouso e comunhão no Éden

No primeiro sétimo dia do planeta Terra, Deus não estava cansado pelo trabalho de trazer à existência nosso mundo e seus habitantes. Igualmente, Adão e Eva não estavam desgastados, tendo apenas poucas horas de vida. Em



© AlexMaster / Fotolia

harmonia com o plano do Criador, o primeiro dia completo de vida para Adão e Eva foi de tranquila comunhão com seu Criador, e um com o outro. Há muito sentido na ideia de que Deus, ao estabelecer um dia especial para repousar, abençoando-o e separando-o para uso santo. Ele fez isso para benefício de Seus filhos criados e a descendência deles. Assim, a observância do sábado como dia santo requer comunhão com o santíssimo Deus e constitui uma lembrança regular de Seu desejo de comunhão entre nós.

Repouso e comunhão no Sinai

Provavelmente, a passagem mais impactante na qual Deus liga o sábado à criação seja Êxodo 20:8-11. O mandamento do sábado é o maior do decálogo; o único que inicia com a expressão “Lembra-te”; e contém uma clara referência ao relato da criação conforme o livro de Gênesis. A última parte do mandamento é quase uma citação direta de Gênesis 2:3. Essa ligação entre o sábado e a criação é apoiada no fato de que a palavra hebraica traduzida como “sábado” (shabbat) e a palavra hebraica traduzida como “repouso” (shabat) são correlatas.

Talvez outra indicação de que a origem do sábado está na criação é o fato de que todos os verbos presentes em Êxodo 20:11 – “fez”, “descansou”, “abençoou”, “santificou” – estão no tempo passado. Isso sugere que Deus repousou no sábado, e a bênção que Ele atribuiu ao sábado teve lugar quando Ele o fez, ou seja, quando criou os céus e a Terra.

Repouso e comunhão nos dias de Jesus

Em Marcos 2:27, Jesus disse: “O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado.” Ao responder às acusações dos fariseus de que Ele transgredia o sábado, Jesus não entrou em argumentação a respeito das leis judaicas sobre esse dia. Em vez disso, buscou impressioná-los de que o sábado foi estabelecido para

ser uma bênção para a humanidade, no sentido de que esse dia seja uma oportunidade semanal para focalizar o repouso e o relacionamento, não as inúmeras leis instituídas para ditar como aceitáveis ou inaceitáveis algumas práticas sabáticas.

Jesus estava se referindo à própria criação original. O homem não poderia ter sido criado para o sábado porque, quando a humanidade foi criada, o sábado ainda não havia sido estabelecido. Por outro lado, o sábado podia ter sido criado para a humanidade, porque quando Deus o instituiu no sétimo dia, o ser humano já havia sido criado e podia desfrutar as bênçãos desse dia especial de comunhão. O próprio Jesus reuniu a criação do homem, a instituição do sábado e o tempo em que as coisas foram criadas. Ele é Senhor do sábado (Mc 2:28) porque Ele é o Criador (Jo 1:1-3, 14).

Repouso e comunhão hoje

Deus é Aquele em quem a ideia do sábado foi originada. Foi Ele que instituiu esse dia especial. Foi Ele que especificou a razão pela qual necessitamos do sábado. É Ele que nos convida à comunhão com Ele nesse dia. Essa ênfase relacional é demonstrada por meio de uma aparente ordem proposital dos primeiros quatro mandamentos.

O primeiro mandamento proíbe que tenhamos outros deuses. Se tivermos outros deuses e os colocarmos em primeiro lugar, eles serão ídolos. Assim, o segundo mandamento proíbe que tenhamos ídolos e os adoremos. Se tivermos ídolos, seguramente usaremos mal o nome de Deus. Consequentemente, o terceiro mandamento nos adverte a não tomar Seu santo nome em vão. Se profanarmos o nome de Deus por meio da adoração de ídolos, estaremos dando lugar à falsa adoração; de modo que, no quarto mandamento, Deus nos ordena santificar o sábado, passando tempo com Ele.

De fato, se o sábado foi dado na criação, então esse dia não foi dado exclusivamente para a antiga nação judaica, mas

para toda a humanidade. Deus não iria enganar, inserindo uma lei judaica temporária em um conjunto de princípios morais para toda a humanidade em todos os tempos. O sábado é parte da lei moral de Deus, os dez mandamentos. Moralidade tem que ver com o que é certo e o que é errado, e o sábado é parte da lei moral de Deus, considerando que ele está relacionado com o certo e o errado em nosso relacionamento com o Senhor.

Também é importante compreendermos que o sábado é parte das boas novas de Deus. O Senhor não apenas providenciou o grande plano de salvação, mas também proveu um dia especial no qual podemos comungar, enquanto o plano se desenvolve. E assim como Deus é específico a respeito do sábado, Seus seguidores também devem ser específicos em tudo o que se refere a esse dia.

Nossa maneira de observar o sábado, não depende de quanto conhecemos as normas, com que firmeza tentamos fazê-lo, nem mesmo com que frequência reprovamos outras pessoas que consideramos ser transgressoras do sábado. Depende, sim, de quanto conhecemos o Senhor do sábado e da firmeza com que estamos ligados a Ele, de modo muito especial nesse dia.

Deus deseja que nosso repouso no sábado seja completo, nos aspectos físico e espiritual. Em Mateus 11:28, Jesus falou sobre esse descanso pleno, quando nos convidou a ir a Ele, a fim de encontrarmos descanso de nossos labores e para nossa alma.

Assim sendo, conforme temos visto, o sábado como dia de repouso, comunhão e adoração foi originado na criação. É também um dia de ligação espiritual com Deus por meio da adoração, em resposta ao Seu amor. Portanto, podemos compreender melhor o que aconteceu no primeiro sábado, o sétimo dia da criação do mundo. Estamos em melhor condição de desfrutar com Deus a experiência do sábado que Ele planejou para nós desde o início de todas as coisas. **M**



Gentileza do autor

Um pastor entre rabinos

O que os cristãos ainda podem aprender com o judaísmo a respeito do sábado



Muitas pessoas argumentam que o sábado é universalmente aplicável e não originalmente judaico, por causa de sua origem no relato da criação.¹ Embora isso seja verdadeiro e, todavia, discutido por eruditos judeus,² é fundamental lembrar que o sábado está inserido no êxodo de Israel do Egito (Dt 5:12-15) e na aliança com Deus. “O ponto dessa aparente cisão”, escreve Michael, “é afirmar que a noção judaica de sábado, mesmo quando de alguma forma lembra a criação, é fundamentada na aliança de Deus com o povo judeu.”³ Em outras

palavras, se não fosse pelo povo da aliança, Israel, que também escreveu e preservou as Escrituras, o mundo sequer conheceria o sábado, o dia abençoado e santificado por Deus, “porque nele descansou de toda a obra que realizara na criação” (Gn 2:3).

Portanto, os cristãos que observam o sábado devem reconhecer que assim o fazem num contexto de celebração da eleição de Israel para a aliança, ainda sustentada pelo Deus fiel do Êxodo. Por essa razão, a observância do sábado também serve como testemunha das origens cristãs na fé e prática judaicas. Esse é um testemunho

oportuno, considerando o sentimento anti-judaico nutrido pela igreja cristã através de sua história. Felizmente, esse pensamento está sendo diminuído, graças ao trabalho dos teólogos pós-holocausto, declarações denominacionais e diálogo franco.

Os cristãos e o sábado

Um resultado de se repensar o relacionamento do cristianismo com o judaísmo tem sido uma nova atitude entre católicos romanos e protestantes, que veem o judaísmo como um rico recurso para a prática cristã, incluindo o sábado. O recente

livro de Walter Brueggemann a respeito do sábado é um excelente exemplo de como, apesar dos inúmeros textos que tenham saído dos prelos cristãos nos últimos anos, o tema do sábado se mostra aparentemente inesgotável.⁴ Esse aumento do interesse no sábado e suas raízes judaicas entre cristãos é louvável, mas também suscita questões complexas que demandam uma reflexão teológica prática, como a seguinte, apresentada por Claire Wolfteich: “De que maneira judeus e cristãos poderão compartilhar a apreciação de ter a mesma ideia sobre a dádiva do sábado?”⁵

O sábado como prática

Numerosas vezes dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia têm solicitado com insistência à Igreja para considerar o que pode ser aprendido com os judeus sobre o sábado. Jacques Doukhan e Richard Davidson são figuras proeminentes que fizeram trabalhos notáveis nessa área. Ambos usaram a Bíblia hebraica, textos judaicos e fontes litúrgicas, assim como suas próprias experiências nos cultos aos sábados, para mostrar como símbolos, comida, música e rituais são capazes de retratar a beleza, alegria e esperança contidos na experiência do *shabbat* judaico. Embora Sigve Tonstad argumente que o “portfólio de significado” inerente ao sábado “inevitavelmente vai além da perspectiva judaica” para o crente em Jesus, ele declara como mentores judaicos apontam a direção certa para os cristãos.⁶

Esses três estudiosos da Bíblia têm contribuído grandemente para o avanço de nossa compreensão sobre as raízes judaicas do sábado. Ainda assim, muito mais precisa ser feito. O que está faltando é uma investigação mais substancial sobre o sábado como uma prática incorporada. É preciso também, incorporar a pesquisa empírica à nossa reflexão teológica. Como judeus praticantes guardam o *shabbat* hoje? Falhar em fundamentar qualquer aplicação cristã das práticas do *shabbat* na realidade do judaísmo

contemporâneo não somente resulta em bizarrice, como pode conduzir a uma imagem que o cristianismo tenta desesperadamente superar.

Para evitar isso, realizei extensivas pesquisas qualitativas com rabinos judeus numa tentativa de descobrir a profundidade de suas experiências com o sábado. Também passei os últimos anos como observador-participante de cultos aos sábados em templos judaicos no sul da Califórnia, nordeste dos Estados Unidos, e em Israel. O restante deste artigo terá por base minha pesquisa como teólogo na prática. Destacarei dois temas inter-relacionados que surgiram a partir dos resultados obtidos e, em seguida, inferirei implicações para a vida cristã.

O sábado e o espectro do judaísmo

A história dos judeus nos Estados Unidos é muitas vezes mal contada entre os cristãos. Se permitíssemos que as páginas da História falassem, escreve Jonathan Sarna, não ouviríamos um “conto estereotipado de um declínio linear”, mas um conto de um povo lutando para ser americano e judeu. Também aprenderíamos sobre pessoas que moldaram eventos, “estabelecendo e mantendo comunidades, respondendo aos desafios, trabalhando para mudar.”⁷ Uma mudança significativa proposta pela presença dos judeus foi a extensão dos limites da liberdade religiosa norte-americana “para que eles (e outras minorias) pudessem ser tratados como iguais.”⁸ Hoje, estima-se que 6,8 milhões de judeus adultos e crianças vivam nos Estados Unidos; 50% vivem principalmente em áreas urbanas ao longo da costa leste ou na Califórnia.⁹ Os 4,2 milhões de adultos que se identificam como judeus, quando perguntados sobre sua religião, oscilam por uma vasta gama de denominações ou movimentos dentro do judaísmo: 35% pertencem ao movimento da Reforma; 18% ao Conservador; 10% ao Ortodoxo; 6% a outros movimentos (por exemplo,

Reconstrucionismo ou Renovação); e 31% dizem que não se identificam com movimento algum.¹⁰

Essa estatística demonstra que é um equívoco pensar no judaísmo, como uma entidade em que todos os judeus têm a mesma crença e a praticam de forma igual. Ainda se houvesse uma escala dentro do judaísmo, veríamos que existe igualmente uma grande variedade de experiências e práticas desenvolvidas aos sábados (*Shabbat*) mesmo entre os rabinos. Essa descoberta foi, para mim, talvez uma das maiores revelações enquanto eu fazia minha pesquisa. Como cristãos, considerando o que pode ser aprendido com os judeus sobre o sábado, é fundamental que a história e a diversidade do judaísmo – passado e presente, histórico e atual – sejam examinados em seus próprios termos. Embora os resultados das entrevistas tenham revelado uma estrutura básica comum na maneira pela qual os rabinos praticam o *shabbat*, há ainda muitas variações entre os rabinos ortodoxos, os conservadores, os da reforma e os do movimento renovado. Isso incluiu diferenças de preparação pessoal, o papel na comunidade, o local de celebração do culto, a função nos rituais, dentre outros.

Leis judaicas e o sábado

Outro tema importante surge quando nos aprofundamos e fazemos a pergunta: Qual é a razão para essa diversidade de práticas entre esses rabinos? O papel da lei judaica (*halakhah*), mais especificamente as 39 categorias gerais de trabalhos proibidos no *shabbat* (*melachot*), é um dos principais divisores entre os movimentos judaicos.¹¹ Essas proibições rabínicas servem como orientações religiosas para que os judeus observadores do sábado (*shomer Shabbat*) saibam como honrá-lo adequadamente. Elas incluem não dirigir, comprar, cozinhar, cortar a grama, escrever, usar a eletricidade, transportar objetos em local público (a menos que haja um *Eruv*¹²) ou carregar determinados objetos em local particular

(*muktzah*). Tal rigor de leis também é fonte de consternação de muitos, o que fica bem ilustrado pela experiência que tive ao compartilhar o “púlpito” de um rabino na cidade de Nova York. Enquanto respondia às perguntas de uma congregação judaica grandemente secular, sobre o que eu estava aprendendo com os rabinos, ouvi muitas histórias de pessoas que haviam sido criadas como guardadoras do sábado (*shomer Shabbat*), mas achavam tais práticas muito restritivas.

Curiosamente, de acordo com minhas entrevistas, tanto os rabinos hassídicos como os ortodoxos que seguem as leis do *Shabbat* acham que essas leis trazem paz, alegria e prazer. Um dos momentos mais comoventes, durante essa pesquisa de campo foi o tempo que passei com um rabino ortodoxo moderno. Ele falou eloquentemente sobre as implicações do que significa não dirigir no *Shabbat*, isto é, em uma comunidade em que as pessoas vivem a uma curta distância umas das outras. O sábado significava liberdade para ele e sua família, a liberdade de estar em relacionamentos agradáveis com pessoas que compartilham valores e compromissos semelhantes à sua forma de vida, não só no sábado, mas também durante a semana.¹³ Nas palavras desse rabino, “a restrição de eletricidade, de tecnologia e de estar conectado, bem como viver próximo um ao outro, são características que ajudam a moldar nossa cultura.” O que é considerado proibição para alguns é uma bela maneira de viver para os outros. E se o *Shabbat* em sua essência é relacional, uma comunidade guardadora desse dia deve demonstrar isso.

Os rabinos que não aceitam as 39 *melachot* eliminam, por conta própria, os aspectos da lei que, para eles, não são espiritualmente benéficos. Por exemplo, o rabino reconstrucionista que entrevistei não tinha problema em ver os filhos participarem de esportes competitivos aos sábados

(enquanto o rabino ortodoxo moderno tinha), mas ele não queria que eles fossem dirigindo carro para o local das competições. A solução veio quando seus filhos assumiram a responsabilidade por suas próprias práticas aos sábados, decidindo ir de carro para o jogo. Ele explicou que “eles caminhavam do hotel para o campo do jogo, enquanto as outras crianças se hospedaram em casas de conhecidos e precisavam dirigir o carro até lá”. O compromisso do rabino de não dirigir no *Shabbat* é admirável, considerando que a maioria dos seus colegas reconstrucionistas não são tão comprometidos. Isso o

“Os cristãos que observam o sábado devem reconhecer que assim o fazem num contexto de celebração da eleição de Israel para a aliança, ainda sustentada pelo Deus fiel do Êxodo”

coloca, bem como sua família, em desacordo com os membros da congregação, que prontamente entram em seus carros e dirigem até suas casas após o culto. Não é preciso dizer que, sem o apoio da comunidade, o rabino descreveu o sábado de sua família como uma experiência “triste” e “solitária”, “porque não tinha as mesmas práticas dos [outros] membros da comunidade”.

Implicações para a práxis cristã

Voltando ao questionamento de Wolfteich mencionado anteriormente: Como os

cristãos podem aprender com os judeus a respeito do sábado sem incorporar seus entendimentos, legalismos, ou farisaísmos? Com base em minha pesquisa, proponho duas recomendações. A primeira seria compreender as crenças e práticas presentes no judaísmo contemporâneo que disciplinam o sábado em seus próprios termos e na sua própria língua. Isso é possível pela leitura de textos de autoria judaica a respeito do judaísmo e do *shabbat*. O diálogo aberto com os judeus sobre o assunto também é importante, pois a comunicação é o principal meio para transmitir e descobrir a verdade. Finalmente, e talvez a principal forma, seria participar de algumas cerimônias sabáticas em um lar judaico ou sinagogas, a fim de ver, na prática, seu modo de adorar.

A segunda recomendação para o reavivamento do sábado cristão baseia-se em uma reflexão a partir das fontes que regem a observância desse dia. Em diversas ocasiões, quando descobriam que sou um cristão guardador do sábado, eu era questionado a respeito de minhas fontes para observá-lo. Todos os rabinos que entrevistei indicaram que as leis que restringem e regulam a observância desse dia, em geral, não são derivadas da Bíblia, mas da Torá oral. Um rabino ortodoxo afirmou que, com exceção à introdução sobre o sábado em Gênesis, os dois conjuntos de mandamentos, e algumas referências independentes, “você não saberá como guardar o sábado, porque a Bíblia hebraica diz muito pouco sobre o modo pelo qual devemos fazê-lo”. Então, como defini-lo e guardá-lo? Ele explicou: “Os rabinos dizem que as leis sabáticas são como uma montanha pendurada por um fio. O fio é o preceito bíblico, mas a montanha é um corpo muito robusto de leis de como observar o sábado.”

Isso me forçou a parar e considerar em que eu, como adventista, baseio meus

parâmetros para a guarda do sábado. É realmente das Escrituras, ou há outras fontes em questão? Talvez o mais importante seja saber, uma vez identificados os parâmetros, qual é a nossa relação com eles. De acordo com Nicholas de Lange, “*Halakha* não é a única questão que divide atualmente os judeus; ... é a teologia que realmente separa o judaísmo ortodoxo dos movimentos progressistas e secularistas”¹⁴. Para os adventistas, a experiência e os escritos de Ellen G. White desempenham papel importante em nossa interpretação. No entanto, devemos nos lembrar de contextualizar sua obra, escrita durante a era vitoriana, que tinha uma herança puritana de observar o domingo como o sábado.¹⁵ Eu creio que, para os primeiros adventistas, a observância do sétimo dia era compatível com a observância do domingo. Foi a mudança do *dia* que diferenciou os pioneiros adventistas das outras igrejas e sua compreensão do significado do sábado do sétimo dia, não necessariamente suas práticas nesse dia.¹⁶

Existem muito mais nuances ainda do que desejamos admitir, quando se trata de como os sabatistas do sétimo dia realmente guardavam o sábado.¹⁷ O interessante é que, ao longo dos milênios, o judaísmo se manteve firme, apesar de uma variedade de interpretações sobre como observar o sábado. Existem, certamente, debates sobre quem está certo. Apesar de tudo, o sábado, em suas inúmeras formas de observância e celebração, tem mantido seu judaísmo. Cada rabino que entrevistei citou o pensador sionista Ahad Ha'am: “Mais do que o povo judeu tem guardado o sábado, o sábado tem guardado o povo judeu.” Celebrar o *shabbat* durante o festival de Purim no Muro das Lamentações em Jerusalém – o lugar mais sagrado da Terra para o judaísmo – tem sido um dos maiores exemplos. Eu vi os judeus ortodoxos orando com lágrimas escorrendo pelo rosto ao lado de jovens militares seculares igualmente emocionados. Ambos são expressões de alegria pela chegada do sábado e mostra como as práticas

variadas abrangem uma grande amplitude de significados. Consequentemente, seria útil adotar uma abordagem mais ampla para a observância do sábado e incentivar uma variedade de expressões, sem confundir a uniformidade sabática com unidade denominacional nem temer que a diversidade leve à divisão.

De volta às raízes

Lembro-me de uma declaração feita pelo falecido Walter Wink: “A maior questão religiosa hoje não deve ser uma de reforma: ‘Como posso encontrar um Deus bondoso?’, mas sim: ‘Como podemos encontrar Deus em nossos inimigos?’”¹⁸ Se isso é verdade, por onde devemos começar? O cristão, particularmente o adventista do sétimo dia, não deveria ignorar essa conexão com o judaísmo. Como Michael Barnes argumenta: “A restauração das raízes do cristianismo em sua relação com o povo da Aliança forma a matriz para uma nova maneira de se relacionar com pessoas de outras crenças religiosas.”¹⁹

Assim, se a igreja não consegue se relacionar com o judaísmo, o que pode ser feito pelo futuro do cristianismo, que está rapidamente sendo empurrado para as margens da sociedade ocidental? Eu diria que, para o nosso mundo pluralista e fragmentado, tornar o diálogo e a reconciliação judaico-cristã uma prioridade é um aspecto importante para tornar relevante nossa verdade presente. Além disso, “quando a graça e a lei estiverem juntas”, comenta Doukhan, tal reconciliação poderá mesmo ser um “sinal do fim”.²⁰ Nesse sentido, o sábado como uma prática incorporada oferece importante ponto de partida. **M**

Referências:

- ¹ Jacques B. Doukhan, *Spectrum* 39, no. 1 (2011): 15–20.
- ² Umberto Cassuto, *A Commentary on the Book of Genesis, Part I: From Adam to Noah*, trans. Israel Abrahams (Jerusalem: Magnes Press, Hebrew University, 1972), 64. Veja também Martin Buber, *Moses: The Revelation and the Covenant* (New York: Humanity, 2011); Franz Rosenzweig, *The Star of Redemption* (Notre Dame: University of Notre Dame, 1985).

³ Michael Lodahl, em *The Sabbath in Jewish and Christian Traditions*, eds. Tamara C. Eskenazi, Daniel J. Harrington, and William H. Shea (New York: Crossroad, 1991), 264.

⁴ Walter Brueggemann, *Sabbath as Resistance: Saying No to the Culture of Now* (Louisville, KY: Westminster John Knox, 2014); Wayne Muller, *Sabbath: Finding Rest, Renewal, and Delight in Our Busy Lives* (New York: Bantam, 2000); Norman Wirzba, *Living the Sabbath: Discovering the Rhythms of Rest and Delight* (Grand Rapids, MI: Brazos, 2006).

⁵ Claire E. Wolfeich, in *Religion, Diversity, and Conflict*, ed. Edward Foley (Berlin: LIT Verlag, 2010), 248.

⁶ Sigve K. Tonstad, *The Lost Meaning of the Seventh Day* (Berrien Springs, MI: Andrews University, 2009), p. 511.

⁷ Jonathan D. Sarna, *American Judaism: A History* (New Haven: Yale University, 2004), xiv, xx.

⁸ *Ibid.*, xv.

⁹ Elizabeth Tighe et al., “American Jewish Population Estimates: 2012,” Steinhardt Social Research Institute, (Brandeis University, Setembro de 2013), p. 1.

¹⁰ “A Portrait of Jewish Americans: Findings From a Pew Research Center Survey of U.S. (Jews,” Pew Research Center, Outubro de 2013), p. 10.

¹¹ Dana Evan Kaplan, *Contemporary American Judaism: Transformation and Renewal* (Nova York: Columbia University, 2009), p. 69.

¹² Um eruv é uma cerca para servir uma comunidade judaica que vive de acordo com as leis e regras do Talmud e da Torá. O eruv define a área em que certas atividades proibidas podem ser realizadas durante o sábado e certos feriados judaicos. Ver *From Jewish Virtual Library*, “Shabbat: Eruv”, www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Judaism/eruv.html.

¹³ Sobre este ponto, ver Roy Branson, em *The Sabbath in Scripture and History*, ed. Kenneth A. Strand (Washington, DC: Review and Herald, 1982), p. 269.

¹⁴ Nicholas de Lange, *An Introduction to Judaism* (Cambridge: Cambridge University, 2000), 221.

¹⁵ Terrie Dopp Aamodt, Gary Land, and Ronald L. Numbers, eds., *Ellen Harmon White: American Prophet* (New York: Oxford University, 2014).

¹⁶ Sobre o desenvolvimento da observância do sábado cristão, ver Erik C. Carter, “Sabbatarianism,” em *Encyclopedia of Christian Education* (Lanham: Rowman and Littlefield, 2015).

¹⁷ May-Ellen Marian Colón, *From Sundown to Sundown: How to Keep the Sabbath and Enjoy It!* (Nampa, ID: Pacific Press, 2008).

¹⁸ Walter Wink, *Engaging the Powers: Discernment and Resistance in a World of Domination* (Minneapolis, MN: Fortress, 1992), p. 263.

¹⁹ S. J. Michael Barnes, *Interreligious Learning: Dialogue, Spirituality and the Christian Imagination* (Cambridge: Cambridge University, 2012), p. 50.

²⁰ Sobre esse ponto, ver Jaques B. Doukhan, “Building Bridges”, (Office of Research and Creative Scholarship, Andrews University (2011), www.andrews.edu/services/research/research_highlights/research_brochure/2011_brochure/building_bridges/index.html, acessado em 25 de junho de 2014).



Gentileza da autora

Alegrias do ministério

“Nada se compara à experiência de ser usada como instrumento imperfeito nas mãos de um Deus perfeito”

Como psicóloga, tive a oportunidade de atender uma pessoa que coincidentemente havia se tornado interessada na Igreja Adventista, por meio da TV Novo Tempo. Convidei-a para que assistisse a um de nossos cultos numa igreja pastoreada por meu esposo. Foi uma grata surpresa e alegria quando a encontrei em nossa igreja pela primeira vez. Assim foi sábado após sábado. Contudo, em casa, depois da decisão de se tornar adventista do sétimo dia, uma grande batalha teve início entre nossa amiga e a família dela. Primeiramente, em relação à guarda do sábado; depois, a recusa de alimentos impuros, e assim por diante.

Aos poucos, o que deveria ter sido alegria se tornou grande fardo. O filho que, à semelhança do pai, se dizia ateu, bombardeava-a com questões para as quais ela ainda não tinha argumentos suficientemente sólidos. Entre os questionamentos estavam a real existência de Deus, diversidade de etnia, línguas, povos, entre outros. Isso fez com que ela, às vezes, questionasse a própria fé e suas crenças. Entretanto, aquela mulher possuía um grande diferencial: era sincera e dedicava muitas horas à oração, especialmente durante as madrugadas, mesmo quando quase vacilava na fé em meio às dificuldades.

Os meses se passaram e, finalmente, chegou o dia em que ela conseguiu convencer o filho adolescente a ir com ela à igreja. Para mim, isso foi outra grande alegria! Acompanhando o desenrolar da trama, eu sabia quanto aquele momento foi desejado por aquela mãe.

Sentei-me no último banco da igreja e fiquei orando e observando cada atitude do jovem, naquela sua primeira experiência em nossa igreja. Terminado o culto, ela me apresentou ao filho como esposa do pastor daquela igreja. Como eu já esperava, inicialmente ele se mostrou arredo, cumprimentando-me com frieza e sem

me olhar. Fiz questão de olhá-lo nos olhos e lhe disse que estava feliz com sua presença. Percebi que ele usava bermuda e chinelo. “Forcei” a conversa e disse que, assim como ele, a primeira vez em que meu esposo foi à igreja, quando ainda éramos namorados, também vestia bermuda e calçava chinelo. Então, percebi que ele começou a se abrir ao diálogo amigável. Confessou-me não ter gostado da primeira parte do culto, mas havia gostado da pregação. Meu coração e o da mãe quase explodiram de felicidade! Era a vitória do Espírito Santo que, havia tempos, trabalhava com aquele jovem, em resposta às madrugadas de oração daquela mãe.

Na saída, o moço esperou para ser o último a ser cumprimentado pelo pastor, aproveitando para falar sobre algumas de suas dúvidas. Mas a coroação mesmo veio durante a semana seguinte, quando recebi pelo celular uma mensagem daquela mãe, radiante de felicidade: “Boa noite, Sheila! Meu filho gostou muito da igreja, quer ir no próximo sábado e vai convidar o pai. Disse que gostou muito de conversar com o pastor, e quer se encontrar com ele novamente, para esclarecer outras dúvidas. Vocês foram, com certeza, colocados por Deus em meu caminho! Obrigada!”

Nem preciso falar sobre a emoção que senti. Acho que todos nós, em algum momento do ministério, experimentamos situações como essa, em que vivenciamos os dramas e vitórias das pessoas. Não tenho dúvida de que, de todas as alegrias do ministério, para mim, essa é a maior. Ao falar das alegrias do ministério, eu poderia citar muitas coisas, mas nenhuma se compara à alegria de ser usada como instrumento imperfeito nas mãos de um Deus perfeito. Trabalho plenamente sagrado, para o qual nunca estaremos totalmente aptos, e do qual sequer somos merecedores. Diante disso, como não se sentir a mais especial das criaturas? Como dizer não ao chamado divino? Oro para que você e eu respondamos sempre: “Eis-me aqui, Senhor, envia-me!” **M**



Chamado à oração

“**B**oas-vindas à família mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e especialmente, aos nossos delegados e outros que estarão participando da 60ª Assembleia da Associação Geral, em San Antonio, Texas, de 2 a 11 de julho. Estamos ansiosos por uma reunião altamente espiritual ao ouvirmos relatos de como Deus está levando a mensagem dos três anjos de Apocalipse 14 a todos os cantos do mundo [...] para salvar vidas. Uma mensagem de esperança que precisamos proclamar, como ilustra nosso tema geral: ‘Levante-se! Brilhe! Jesus está vindo!’ Nós temos essa esperança. Na verdade, a única esperança para este mundo é a breve vinda de Cristo!”

Com essas palavras, o pastor Ted N. C. Wilson, presidente mundial da Igreja, saúda aos que abrem a *homepage* oficial da assembleia (www.2015gcsession.org). Serão dez dias de reuniões, discussões e votações a fim de alinhar o pensamento e as decisões da Igreja para o próximo quinquênio (2015-2020), nomear líderes, estabelecer iniciativas para o fortalecimento da fé e do progresso do movimento. Aproximadamente 2.500 delegados e mais de 50 mil membros estarão presentes, representando cerca de 18 milhões de adventistas espalhados em mais de 200 países. No centro de tudo, existe apenas um objetivo: preparar e equipar a igreja para a missão que Deus nos confiou.

Certamente, será um evento fantástico! Ainda mais quando nos lembramos das primeiras reuniões mundiais de nossa Igreja. Em 1863, alguns líderes e membros se reuniram em Battle Creek, Michigan, para votar a organização da Associação Geral das Igrejas Adventistas dos Estados Unidos, local que também sediou as 26 assembleias seguintes. Na assembleia de Mineápolis, em 1888, 91 delegados representavam 27 mil membros. Hoje, as assembleias são realizadas em estádios com capacidade para até 70 mil pessoas! Deus tem abençoado grandemente o progresso da Igreja.

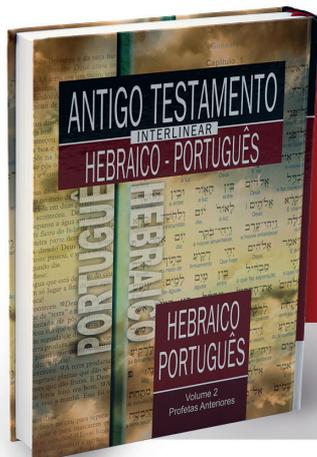
Como preparação espiritual para as reuniões deste ano, um convite especial à oração foi feito aos adventistas de todo o mundo. A iniciativa tem como *slogan* “100 Dias de Oração”, de 25 de março a 11 de julho. Nesse período, estamos unidos em oração para que os desígnios de Deus, a presença e o poder do Espírito Santo sejam manifestados durante as reuniões.

Dois assuntos especialmente requerem nossas orações: a reformulação linguística na introdução de algumas das 28 crenças fundamentais da Igreja e a discussão sobre a ordenação de mulheres ao ministério pastoral. São assuntos de suprema importância. Mas não é a primeira vez que a igreja realiza uma assembleia com temas de tal magnitude. Em 1888, na assembleia realizada em Mineápolis, o assunto da justificação pela fé dividiu os delegados. Ellen G. White ficou desanimada e desejou ir embora. Porém, o anjo do Senhor lhe disse: “Não! Deus tem uma obra para você neste lugar (*Carta 2a*, 1892). Posteriormente, a maioria dos opositores da mensagem a aceitou. Alguns meses depois da assembleia, Ellen G. White escreveu: “Nunca vi uma obra de reavivamento ir adiante com tanta eficácia e, ao mesmo tempo, permanecer livre de toda euforia imprópria” (*Review and Herald*, 5 de março de 1889).

Mineápolis foi um divisor de águas na história da Igreja Adventista. Deus atuou poderosamente para redirecionar Seu povo. Portanto, não temos o que temer. O mesmo Deus continua no comando de tudo. Penso que nossas orações e expectativas pelo êxito da assembleia de San Antonio devem seguir a orientação divina: “Se o Meu povo, que se chama pelo Meu nome, se humilhar, e orar, e Me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, Eu ouvirei dos Céus, perdorei seus pecados e sararei sua terra” (2Cr 7:14). **M**

Marcio Nastrini





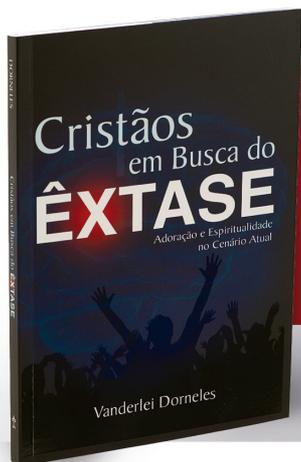
ANTIGO TESTAMENTO INTERLINEAR HEBRAICO-PORTUGUÊS (v. 2) – Edson Francisco de Farias (tradutor), Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP, 0800-727-08888.

Seguindo a sequência da *Bíblia Hebraica Stuttgarteria*, este segundo volume do *Antigo Testamento Interlinear Hebraico-Português* aborda os Profetas Anteriores (abrangendo os livros de Josué a 2 Reis). Apresenta uma tradução literal do texto original hebraico e aramaico para o português. Esta edição interlinear da Bíblia pode ser utilizada nos estudos acadêmicos, na elaboração de estudos ou no preparo de sermões.



JEITO FÁCIL – Edimar Sena Oliveira Gráfica Alvorada, Campo Grande, MS, e-mail: edimarsena@hotmail.com, 158 páginas.

Com este livro, o leitor tem nas mãos um *Jeito Fácil* de ajudá-lo a construir uma rede saudável de pequenos grupos em sua igreja. Nele, o autor demonstra que esse não é um trabalho impossível, requerendo apenas líderes dispostos a executá-lo. Orientações e critérios para escolha de tais líderes, bem como sobre o pastoreio dos membros do pequeno grupo fazem parte do conteúdo rico do livro. É leitura indispensável para quem deseja ver a igreja crescer por meio do sólido ministério dos pequenos grupos.



CRISTÃOS EM BUSCA DO ÊXTASE – Vanderlei Dorneles, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, tel.: (15) 3205-8888, 220 páginas.

Cristãos em Busca do Êxtase provê uma chave explanatória para se compreender as raízes, tendências e ênfases da cultura carismática atual, ao mesmo tempo em que oferece uma visão equilibrada do culto bíblico. Esta edição revisada mantém a proposta de uma discussão interdisciplinar, integrando história, cultura, psicologia e teologia. Mas destaca a espiritualidade como um conceito amplo para o entendimento das distinções entre a religiosidade popular e a religião da Bíblia.

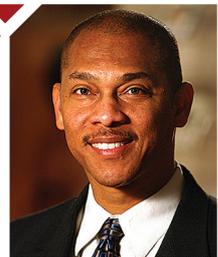


APLICATIVO PRA AGENDA

A União Leste Brasileira acaba de lançar um aplicativo que ajuda os líderes da igreja a conferirem, de maneira prática e rápida, todos os eventos e programações da igreja. O aplicativo permite que se escolha a Associação desejada e então carrega todas as informações que estariam na agenda impressa, no celular. Ideal para líderes de igreja e todos aqueles que de alguma forma querem estar atualizados com o que acontece na sua igreja. Este aplicativo é específico para a ULB, mas pode ser contratado para cada União e Associação, através do contato: aplicativoiasd@gmail.com

Conheça mais sobre o Aplicativo neste link: goo.gl/gLQNb8. Disponível para IOS e Android.





Cortezia do autor

Confissões de um guardador do sábado

Tudo começou durante minha infância; às vezes se manifestava nas sextas-feiras à tarde, outras vezes nas tardes de sábado. Nas sextas-feiras, minha pergunta era: “Quando o sol vai se pôr?” As horas do sábado interferiam em meus planos com a TV. No sábado, eu fazia a mesma pergunta, mas por uma razão diferente. Eu contava as horas e os minutos, antes do pôr do sol, como se estivesse esperando que as portas de uma prisão se abrissem e terminasse meu encarceramento. Isso não era tão mau durante o inverno, porque pelo menos eu não tinha que esperar muito, depois do culto, para ligar a TV e me divertir.

Meu raciocínio mudou quando entrei na universidade. Os sábados à noite possibilitavam horas de qualidade para estudo. Eu necessitava investir cada minuto no cumprimento dos sonhos de Deus para mim e dos alvos que havia estabelecido para mim mesmo. Quanto mais cedo o sol descesse no horizonte, mais cedo eu poderia fazer o que era necessário para meu sucesso.

Finalmente, chegou o dia em que todo aquele trabalho valeu a pena. Tornei-me pastor. Encontrei no sábado a alegria que o Senhor sempre desejou que eu experimentasse. Fui levado à mais intensa experiência de adoração a Deus, encontrando deleite na luz de Sua presença. Testemunhei os frutos de meu trabalho com pessoas que, sendo atraídas ao Senhor, adquiriram maior e mais significativa compreensão dEle.

Hoje, não prego tão frequentemente como fazia no passado. Meus dias semanais são preenchidos com atividades editoriais. Mas, mesmo no sábado, acho que o espectro dos prazos ainda paira, tentando-me a ponderar sobre o que preciso fazer logo após o pôr do sol. Considerando que toda a minha vida adulta tem sido dirigida pela habilidade de fazer, onde está meu sábado? Como posso desfrutar o verdadeiro repouso que Deus designou para mim, desde aquele primeiro sábado no Éden?

Ao longo dos anos, tenho pregado muito sermões e feito palestras sobre a validade bíblica e prática da santidade do sétimo dia. Os ouvintes geralmente têm

expressado apreciação pelo que tenho dito, bem como pelo fato de que Deus nos tenha dado esse maravilhoso presente no tempo. Mas, enquanto estou tão ocupado compartilhando essas verdades, tenho tomado tempo para ouvir o que eu mesmo estou falando? Tenho eu permitido que a beleza do sábado me beneficie?

Devo me lembrar de que o sábado não é uma questão minha. Ele diz respeito a Deus. É fácil cair na armadilha de crer que meu sermão é a principal atividade durante a experiência de adoração. A verdade é que minha mais significativa oferta a Deus, durante as horas sagradas do sábado, centraliza-se na comunhão com Ele.

Também devo me lembrar de que o sábado não foi designado apenas para descanso físico; ou seja, dormir e relaxar durante a tarde. O verbo hebraico traduzido como “sábado” significa cessação do trabalho; interrupção do fluxo normal de atividades. O sábado fala da minha necessidade de descansar em Deus, não em mim mesmo. Dando o melhor de mim, no trabalho durante os seis dias anteriores, posso ter alegria em saber que Deus Se agrada do meu trabalho, porque é Ele quem trabalha através de mim.

Finalmente, devo me lembrar de que as horas do sábado provêm tempo de qualidade para que eu me reconecte com meus entes queridos e outros. Durante a semana, concentro-me nos deveres profissionais, comissões, assuntos domésticos e muitas outras preocupações. O mesmo se aplica à minha esposa e meus filhos. Assim, o sábado permite que nos desliguemos das coisas corriqueiras e nos liguemos uns aos outros.

Prometo a Deus e a mim mesmo lembrar sempre de que o sábado do sétimo dia é um modelo de salvação fundamentada nos feitos dEle, não nos meus. Prometo que focalizarei mais as coisas de Cristo e menos as coisas que dizem respeito a mim. Não me renderei à tirania dos e-mails e prazos editoriais que invadem as horas sagradas de Deus. Ao contrário disso, abraçarei a beleza do sábado, tomando tempo para celebrar, com minha família, nosso Criador e Salvador. **M**

“

O sábado diz respeito a Deus. A verdade é que minha mais significativa oferta a Deus, durante as horas sagradas do sábado, centraliza-se na comunhão com Ele”



CPB
ONLINE

OUTONO // INVERNO



Agora
1 semana
inteira com você

**de 24 a 29
DE MAIO**

Aproveite!



• DESCONTOS DE ATÉ 30%, BRINDES E PROMOÇÕES ESPECIAIS. NÃO PERCA! •

Ligue grátis de telefone fixo ou celular

0800-9790606

De domingo a quinta, das 8h às 20h | Sexta, das 8h às 15h45 (horário de Brasília)

www.cpb.com.br
CPB livraria



/casapublicadora